LINDA, A PISTOLEIRA

M.L. Estefania

ARIZONA

ESTEFANIA

Manaus e Boa Vista (via aerea) Cz$ 123,50

cedibra

M.L. ESTEFANIA

LINDA, A PISTOLEIRA

Tradução de: Maria H. Terra

BOLSILIVROS

Rua Particular, 300 – Campinas

Título Original
HEREDERA RESUCITADA

© M.L. Estefania
Direitos exclusivos para o Brasil:
CEDIBRA EDITORA BRASILEIRA LTDA.
Rua Particular, 300 - Campinas - SP
Via Anhanguera, Km 102 - Aparecidinha
CEP. 13.100
1ª Edição - MCMLXXXVIII

Impresso nas Oficinas
da
EDITORA AVE MARIA LTDA.
C.E.P. 01226 — Rua Martim Francisco, 656
Vila Buarque
Tel.: 826-6111 — Insc. Mun. 0.221.653-1
Insc. Est. 101.067.554 — CGC 60.494.200/0001-70
São Paulo

Distribuído por:
Fernando Chinaglia Distribuidora S/A
Rua Teodoro da Silva, 907
CEP. 20.560 - V. Izabel - RJ

O texto deste livro não pode ser, no todo ou em parte, nem registrado nem reproduzido por qualquer meio mecânico, sem a expressa autorização do detentor do copyright.

CAPÍTULO 01

— Não sei como me controlo quando Bill diz que vai me ensinar a disparar, Norman... E os outros dizem que não deve me ensinar...! Morro de vontade de rir, quando discutem assim! E também de vontade de lhes mostrar como atiro!

— Deixe que digam o que quiserem, Sue! Não perca a calma! Não convém que eles saibam de nada!

— Pensam que você tampouco sabe disparar.. Mas papai sabe a verdade, não é? Eu o ouvi dizer ao Tony, um dia, que não o provocasse... Tony e os outros, às vezes, comentam que você deve ter "história"...

— Seus irmãos gostam muito de falar.

— Bill diz que você gosta de ser misterioso... que a sua maneira de sorrir desdenhosamente quando se toca no assunto é para dar a entender que é superior... Por que não lhes mostra...?

— Para qué? Não interessa. E pare de olhar para trás. Acabará chamando a atenção de alguém, despertando a curiosidade... um deles pode resolver nos seguir.

— Mas, Norman, há quantos anos vamos ao mesmo lugar...? Já faz tempo que deixamos de vir, mas alguém deve ter visto...

— Se alguém tivesse visto, ficaria calado...?

— É, acho que não... Sabe, eu bem que gostaria de fazer uma exibição para essa turma de convencidos...!

— E eu, às vezes, me assusto, ao pensar que fiz de você uma exímia atiradora... Seria capaz de matar seis pessoas sem que nenhuma delas chegasse a tocar na arma! Mas, assim, sempre terá condições de se defender de qualquer perigo...

— É certo. Outro ponto de discussão, lá em casa, é a sua idade, Norman... e eu acho que você não tem os cinqüenta anos que aparenta com esses cabelos brancos...

— Ficaram brancos muito cedo. Amanhã completo quarenta.

— Eu sabia! É mais novo que papai... Gostaria de saber como se conheceram, você e papai... Aliás, meus irmãos gostariam também. George se revolta porque é você quem manda em tudo, e diz que papai, pelo jeito, também lhe obedece...

— Olhe, chegamos! — disse Norman.

Sue suspirou. Norman sempre dava um jeito de desviar a conversa, até mesmo com ela, quando se tratava da sua vida.

Desmontaram, já a certa altura da ladeira da alta montanha. Olharam para trás, com atenção, para ver se ninguém os seguira. E

então se meteram atrás de um rochedo que ocultava a entrada de uma gruta ampla.

Ali apanharam umas tábuas cheias de buracos de bala. Mas ainda com espaço suficiente para que Norman pintasse nelas uns alvos, com cal. Enquanto ele fazia isso, Sue revisava as armas que também guardavam ali.

Norman equilibrou as tábuas contra o rochedo, e Sue foi se colocar a uns vinte metros, num ponto já marcado anteriormente. Ajustou o cinturão aos quadris arrendodados, esbeltos.

Quando Norman deu o sinal, a jovem sacou e disparou.

— Você não falha! exclamou Norman. — Não falha uma...!

Logo, Sue treinou com punhais. E o resultado foi o mesmo.

— Não deve haver muitos homens que façam isso, em toda a União... — disse Norman. — Arremessar com as duas mãos ao mesmo tempo, nessa velocidade, e sem falha...!

— Quanto tempo me custou...? Quantas bolhas, nas mãos...? E você supera, em tudo tenho certeza...! Não pense que me engana! Ningúém me engana, embora eu faça cara de boba, às vezes... Também sei que papai e

meus irmãos trazem gado roubado, quando voltam dessas viagens...

— Sue! Eu não sei de nada disso!

— Sabe tão bem como eu. É George quem troca as marcas... O que não entendo bem é o seu papel Norman. Um dia ouvi papai dizer ao Tony que você faz muita falta...

— Não sei por que diria isso!

— Eu descobri. Você sabe fazer curativos difíceis...! É isso! Mas George o odeia, apesar de tudo, e você deveria andar armado! George já disse a papai que um dia desses perde a cabeça e lhe mostra o que é bom...!

— Nunca lhe dei motivos para isso, eu acho. Vamos almoçar na cidade, amanhã? Já descobriu que é o dia do meu aniversário.

— Acho que eu é que devo pagar esse almoço!

— Nada disso. Cabe ao aniversariante oferecer a festa...!

Voltaram ao rancho, e estavam desmontando quando apareceu Buck, o capataz, gritando:

— Sue! Que seja a última vez que leva Norman a passeio...!

— Não fomos passear! — disse ela. — Fomos buscar umas reses que se afastaram do rebanho!

— Ah, sim, claro... — disse Buck, com sar-

mo. — Bom, afinal de contas, Norman agora só serve para babá, mesmo... Mas, como você já está bem crescida, pode passar sem ele...

— Se está querendo me despedir, Buck...

— Nem sonhe, Buck! gritou Sue. — Agora mesmo falo com papai! Vamos ver o que ele diz...!

— Dirá que tenho razão! Norman não serve mais para nada!

— Não serve mais...! Aos quarenta anos...!

— Quarenta...? Buck ria. — Vamos, Sue, está brincando!

— Deixe, Sue — interveio Eva, a cozinheira. — Se Norman sair daqui, hoje mesmo terá outro emprego! É o que Lorelly vem desejando há muito tempo: tê-lo como capataz!

— Aquela mulher é uma boba! — riu Buck. — Vejam só, Norman, como capataz...! Dentro de um ano Lorelly quererá um emprego como o seu, Eva!

— E é verdade, ele não deve ter mais de quarenta anos... — continuou Eva. — Ainda me lembro muito bem do dia em que o patrão o trouxe, há quase quinze anos...

Norman, sem dizer nada, montara a cavalo novamente e se fora. Sue, que o seguia com a vista, comentou:

— Será melhor para ele... Lorelly vai pular de alegria...!

Lorelly era a vizinha mais próxima. Tinha trinta e dois anos, e era viúva. Estava almoçando quando avistou Norman, pela janela, e se levantou para ir recebê-lo.

— Que surpresa, Norman... Veio almoçar comigo? Entre...

— Vim para saber daquele emprego... Gostaria de falar com Wilcolm... É ele o capataz, não?

— Não tenho capataz, sabe muito bem! Sempre esperei que você se decidisse a vir e ocupasse esse cargo! Parece que se desentendeu com aquela gente, afinal...

Norman contou o incidente, concluindo:

— Resolvi sair de lá para não ter que matar ninguém. Parece que George é o que mais me odeia, não sei por que, mas todos os irmãos são iguais a ele...

— É que são umas bestas, mesmo. Não prestam, mas eu lhes devo algo: forçaram-no a vir para cá! Venha, vamos almoçar, e depois eu falo com Wilcolm.

— Ele não vai gostar...

— Ainda sou a patroa, aqui!

— Acho que primeiro deve ir buscar as minhas coisas...

— Então, ande logo! Quero vê-lo estabelecer-se de vez aqui!

Sue, ao saber que Norman voltara ao rancho

foi ao alojamento. E o encontrou arrumando a mochila.

— Acho que faz muito bem, Norman — disse. — E não me importo com a saudade, porque estará perto... Isto é, você vai trabalhar com a Lorelly, não é?

Norman assentiu, e Sue acrescentou, alegre:

— Isso é ótimo! Lá estará muito melhor do que aqui, e poderei visitá-lo todos os dias, se quiser! Estará perto! Não faça caso de papai, se ele for buscá-lo!

— Não pretendo voltar para cá, de jeito nenhum, não.

— Nem eu quero que volte! Eu estaria sempre temendo pela sua vida...! Cuide-se bem, está ouvindo?

Sue beijou-o nas faces, várias vezes. E ficou no pátio, olhando-o, até que o perdeu de vista. Nisso, ouviu Buck dizer:

— Parece que o velho se foi... Sabia que eu ia despedi-lo!

— Não foi por isso — disse Sue. — Foi embora porque não queria ter que matar nenhum de vocês!

Buck e alguns vaqueiros riam. Mas os outros pensavam no que diria o patrão, quando voltasse daquele viagem.

— George ficará contente, mas o pai se aborrecerá, com certeza — dizia um. — Nor-

man já estava aqui há anos...

— E sempre foi um vaqueiro competente — disse outro. — Buck também o odeia porque é o eco de George...

Sue foi ao rancho de Lorelly naquela mesma tarde, e a viúva recebeu-a com o afeto de sempre, dizendo:

— Agora tem duas pessoas a visitar, aqui, certamente virá mais seguido, não?

— Sim, com certeza — admitiu Sue, rindo. — Mas eu não demorava tanto assim a visitá-la... E o Wilcolm?

— Continuará como vaqueiro. Ainda não falei com ele, mas falarei daqui a pouco. Atrasou-se, para o almoço...

Mais tarde, Sue pôde falar a sós com Norman, e ele disse que iria buscar o que tinham escondido na gruta.

CAPÍTULO 02

— Wilcolm, você sabe que sempre quis ter Norman como capataz, e agora ele resolveu aceitar a minha proposta...

— É, já me disseram que foi despedido do Duas Barras porque não presta mais para nada... Será que isto agora vai virar asilo...?

— Muita gente nas redondezas sabe que Norman é competente.

— Quer dizer que agora será ele o capataz, aqui?

— Exatamente. Você me ajudou muito, como encarregado, e lhe darei duzentos dólares de gratificação... e espero que continue ajudando, agora ao Norman.

— Não vou ficar como simples vaqueiro, depois de ter sido o capataz por dois anos!

— Nunca lhe dei o cargo de capataz, Wilcolm. Falamos sobre isso, no começo, francamente, não se lembra?

— Não sei por que será ele o capataz, e não eu!

— Porque é assim que eu quero — disse Lorelly, suavemente.

— Pobre rancho...! E pode me dar as contas! Não quero ficar como vaqueiro, já disse!

— É uma pena, mas... é problema seu. Pode vir receber, quando arrumar suas coisas. As contas estarão prontas, e a gratificação também.

Dito isso o rancheiro entrou, e Wilcolm se voltou para os vaqueiros que assistiam de longe à entrevista.

— Vejam só; Buck manda o velho embora, porque não presta mais para nada, e agora vai ser o capataz, aqui...!

Lorelly parara, a um passo da porta,

escutando.

— A patroa deve estar louca...! — disse um vaqueiro.

E ele tornou a sair, no mesmo instante, para dizer:

— Não quererá trabalhar para uma louca, não é? Farei suas contas também, Fred! Vocês são bons vaqueiros, os dois, logo arranjarão outro emprego.

— Mas, patroa...! — protestou Fred.

Não disse mais nada, porque ela já desaparecera pela porta.

Um vaqueiro mais idoso e antigo no rancho meneou a cabeça.

— Norman sempre foi ótimo vaqueiro — disse. — E não era a patroa a única que desejava vê-lo como capataz... Outros vizinhos a invejarão, agora!

— Obrigado, Stone! — disse Norman, naquele momento. — Mas deixe que eu mesma fale com Wilcolm.

Todos o olharam, e revelaram espanto, porque ele portava dois revólveres, agora, num cinturão que já fora muito usado.

— Wilcolm, não sabe que é covardia falar de uma pessoa pelas costas? — perguntava Norman. — Ainda bem que vai embora...!

Todos olhavam para Wilcolm, agora, e o viam muito pálido. E ele foi buscar a sua

bagagem, sem dizer mais nada. Foi à casa-grande, cabisbaixo, furioso, humilhado. Recebeu o seu dinheiro, e partiu para a cidade. Na verdade, uma vila, chamada Picacho. Entrou no saloon-hotel de Lupe, pediu um uísque, e um quarto. Lupe arqueou as sobrancelhas, indagando:

— Um quarto...? O que foi que houve no rancho?

— Lorelly pôs Norman como capataz, e eu me despedi. Não quero trabalhar às ordens daquele velho que Buck mandou embora porque já não serve para nada!

— Hum, Tom não vai gostar, quando souber... Isso foi coisa de George, que o odeia, não sei por quê. Mas Tom lhe pedirá que volte... Enfim, você sabe o que faz. Pode ficar no oito. Se quiser comer alguma coisa, diga agora, para que eu mande preparar. Lorelly deve estar contente, hem?

Wilcolm não ousou dizer o que estava pensando. Tanto a viúva como Norman eram muito estimados no condado. Assim como era detestada e temida a gente de Tom.

No dia seguinte, Wilcolm foi pedir emprego no rancho de Jefries, cuja equipe também era detestada. E foi contratado. Lupe soube logo da novidade. E comentou com Murphy, um pequeno rancheiro, seu

velho amigo:

— Norman terá que ter cuidado... Wilcolm soube arranjar companheiros que o ajudem a vingar-se. E irá buscar reses do Duas Barras, com eles. Conhece bem as saídas daquele rancho...

— Será possível? — indagou Murphy.

— Muitos acham que ele andava roubando gado da viúva... Gastava muito, quando ia a Ruidoso.

— Bem, mas Norman é raposa velha...

Dois dias depois, Murphy dizia a Lupe:

— Não lhe disse que Norman é raposa velha...? Já vai fazer um rodeio, no rancho de Lorelly. Foi me pedir ajuda. Jeffries e Wilcolm ficarão muito aborrecidos...

— Tom Hull já ficou aborrecido, quando voltou e soube que Norman não estava mais no rancho.

— Eu sei. Tom já foi falar com ele, e com Lorelly...

— Mas não creio que Norman volte...

Isso era verdade. Quando os Hull chegaram, George alegrou-se ao saber que Norman se fora, mas seu pai enfureceu-se.

— Mas por que foi despedido? — gritou. — Esse imbecil do Buck...! Vou pedir ao Norman que volte! E o Wilcolm?

— Despediu-se, assustado. Estava falando

mal do Norman, sem saber que ele ouvia... Norman chamou-o de covarde...

E Tom fora mesmo ao rancho de Lorelly. Esta lhe tirou logo as esperanças, dizendo:

— Agradeço a visita, Tom, mas... se é por causa de Norman, perdeu tempo. Ele não quer voltar para lá. Seja como for, mandarei chamá-lo. Pode ser que se entendam, mas duvido...

Um vaqueiro foi aos campos, e voltou com Norman. Este sorria, olhando o ex-patrão.

— Não veio me pedir que volte, não...?

— Tem que voltar, Norman!

— Nem sonhe.

— Sabe bem o que está fazendo...? O que pode lhe acontecer?

— O que eu sei é que não volto.

— Acho que George tem razão... — disse Tom, ao retirar-se.

Lorelly sorria e abanava a cabeça, recomendando:

— Cuidado com aqueles covardes, Norman..

Tom voltou para casa furioso.

— Ele não quer mesmo voltar... E aquele imbecil ria, ouvindo-o dizer que não!

— Vamos arrastá-lo! — disse George. — Mas até que morra!

— Não me agrada que esteja fora das nos-

sas vistas... Esse maldito Buck...! Se Norman cismar de contar tudo o que sabe... Vou pedir a Sue que vá buscá-lo. Ele a adora...!

Mas Sue achava que Norman estava melhor fora dali, e disse:

— Não, pai, não vou pedir que volte. Acho que lá está melhor que aqui. E não adiantaria nada mesmo, você sabe... Se ele já disse que não volta...

— Pois diga-lhe que será arrastado!

— Mas, céus! Por que não o deixam em paz? Se George vive dizendo que ele é um velho inútil...! O que é isso? Teme que ele fale por aí das reses remarcadas, é?

Tom Hull empalideceu. Agarrou a filha por um braço.

— O que foi que ele andou lhe contando? — perguntou.

— Não preciso que me contem nada, pai. Não sou idiota, nem cega! E ele deve saber de tudo, também. Mas nunca me disse que vocês são ladrões.

Tom, sem poder conter-se, esbofeteou a filha. Ela nem piscou. Olhou-o fixamente e disse:

— Parece que terei de matá-lo...!

E foi saindo. O pai correu atrás dela, mas não pôde alcançá-la. E ela montou no seu cavalo, saindo a galope. Buck e dois

vaqueiros estavam olhando, e Tom gritou:

— Buck, vá atrás dela! Que não chegue ao rancho de Lorelly... nem que seja preciso matá-la! Vão vocês dois com ele!

Os três já estavam a cavalo quando ele acabou de falar. Picaram esporas. George aproximou-se do pai, indagando:

— O que foi...?

— Se ela contar ao Norman que lhe bati...! Ele irá direitinho à delegacia...! Sue não pode falar com ele!

— Mas, está doido, pai? Se matarem a Sue, teremos que fugir, ou seremos exterminados!

— É só enterrá-la por aí, nos campos...

Mas Sue conhecia bem os seus, e sabia o que podia esperar deles. Olhava para trás, de vez em quando, e assim descobriu os três cavaleiros que a perseguiam.

Sorriu, trocando o rumo, para chegar à Montanha Coroada, assim chamada porque sempre tinha uma coroa de neve no cume. Levava muita luz, e pôde chegar à gruta e apanhar suas armas.

Fez uso do rifle, assim que os teve ao alcance dele. Matou primeiro os cavalos. Quando os homens caíam, disparava visando braços e pernas. — E então se aproximou deles, no seu cavalo.

Os três esqueceram o tombo, os ferimen-

tos, ao vê-la com o rifle nas mãos e o cinturão aos quadris. Pestanejavam, abismados, incrédulos.

— Quem os mandou atirar em mim? — perguntou.

— Foi o seu pai! Não queria que chegasse viva ao rancho da Lorelly... Não queria que falasse com Norman!

— Assassinos covardes...! — gritou ela, disparando de novo.

Baleados na cabeça, tombaram para sempre. Havia um barranco profundo, bem ali, e era uma garota forte, de modo que os arrastou pelos pés, um por um, jogando-os naquele abismo.

Depois, fez o seu cavalo puxar os animais mortos, atando-os com os laços. Levou bastante tempo na tarefa, mas se deu por satisfeita. Como o terreno não guardava pegadas, ninguém poderia dizer que eles tinham andado por ali.

Logo, seguiu o seu caminho, para o rancho de Lorelly, mas só contou a Norman o que fizera. E isso mesmo, sem dizer que a ordem de matá-la partira do seu próprio pai. No fundo, não acreditava que fosse ordem dele. Não podia acreditar em coisa tão monstruosa. Preferia pensar que fora idéia de Buck.

Enquanto isso, Tom se preocupava cada vez mais porque o trio não voltava. Arrependia-se de ter dado aquela ordem. Outros vaqueiros tinham ouvido, e o acusariam, se Sue não voltasse. E eles teriam que fugir, como dizia George.

Ao anoitecer, estavam todos na sala de jantar, e Tom não conseguia ficar sentado. Caminhava, nervoso.

— Você deve estar louco, pai...! — censurava Tony.

— Estava uma fera, perdi a cabeça... Só pensei em impedir que ela falasse com Norman. Ele iria ao xerife.

George e os irmãos ficaram nervosos também, já que o tempo passava e os homens não voltavam. Quem apareceu foi um vaqueiro da viúva, com um recado de Sue: não voltaria para casa naquela noite.

Suspiraram, aliviados, porque Sue estava viva.

— Bem, eles não a alcançaram... — disse George, — Mas, então, onde se meteram? Por que não voltam?

— *Acho que Sue contou ao Norman... — murmurou Tom, aterrorizado. — E ele foi procurá-los, e os matou. Decerto estavam lá por perto, esperando que Sue voltasse para cá...

O medo apoderou-se deles novamente, crescendo, transformando-se em terror. Nenhum conseguiu dormir, naquela noite. E se levantaram cedo, para ver se os homens tinham voltado.

Não se atreviam a sair para os campos. Mal respiravam, de tanto medo. E se animaram um pouco quando avistaram dois cavaleiros que chegavam. Mas tornaram a suar frio, ao ver que eram Sue e Lorelly. A primeira se mostrava muito alegre.

— Onde está Buck? — perguntou. — Quer ver a cara dele... Agora estará convencido de que o seu cavalo não pode com o meu! Ia atrás de mim, com aqueles dois que o acompanham sempre, mas ficaram tão para trás que até os perdi de vista...!

Seus irmãos estavam abobalhados, sem saber o que pensar. O pai apareceu à porta, e ela perguntou:

— Foi você quem os mandou atrás de mim?

— Eu?! Claro que não...! Por que os mandaria?

— Estava tão zangado... pensei que tivesse mandado me agarrar para me dar uma surra...

— Tom, você deve andar muito nervoso — interveio Lorelly. — Vejam só, bater na sua filha...!

— Estava muito irritado, sim, foi isso... Espero que ela me perdoe...

— Sue ficará comigo, uns tempos, Tom.

— Mas, afinal onde está Buck? — insistiu Sue. — Escondeu-se, envergonhado? Sempre se orgulhou tanto daquele matungo...! E também quero saber por que me perseguiam! Ei, você, vá chamá-lo! Não importa onde esteja, eu espero!

O vaqueiro interpelado olhou para os patrões, confuso.

— Ninguém sabe onde estão, patroa... Não voltaram, ontem...

— Fugiram, com certeza — interveio Bill. Não conseguiram alcançá-la, e acharam que você viria falar da perseguição...

— É, pode ser... — admitiu Sue. — Porque a verdade é que me pareceu que atiravam em mim... Então, aquelas fumacinhas eram reais... bem que me pareceu que era fumaça de tiros... Mas, por quê? Ordem sua, George? Buck é tão amigo seu.

— Não diga asneiras, Sue! — protestou George.

— Ou terá sido papai, que estava tão zangado...?

— Tem que estar louca, para pensar uma coisa dessas do seu pai! — protestou Tom, muito pálido.

— É que não vejo outra explicação...! Buck, atirar em mim? Se não lhe dei motivos...! Seja como for, agora ando armada... Norman me fez presente destas armas...

CAPITULO 03

— Ainda bem que não a alcançaram... — dizia Tom. — Mas perceberam que ela viu que disparavam... Aí se assustaram e não quiseram voltar...

Era a explicação lógica, e todos a aceitaram.

— E teremos que silenciá-los, se voltarem... — disse George.

Quem chegou, horas depois, foi Norman. Foi direto ao alojamento, e perguntou por Buck.

— Faz tempo que saiu — disse um. — Ainda não voltou.

— Decerto me avistou, de longe, e se escondeu, hem? Não faz mal, eu espero. Terá que aparecer... Aí nos veremos!

Dito isso, saiu e foi à casa grande. Como era hora do almoço, todos estavam ali.

— Parece que Buck me viu antes que eu chegasse e se escondeu... Mas nos veremos...! E, se me disser que foi você quem mandou perseguir a sua filha, eu o mato, Tom!

— Mas que loucura, Norman...!

— Vamos ver, quando Buck aparecer... Ele me dirá a verdade!

Todos se sentiram aliviados, convencidos de que Buck e seus amigos tinham desaparecido de vez. Norman ficou por ali, esperando. Depois disse:

— Bom, vou embora... mas Buck não perde por esperar... nos encontraremos, a qualquer momento...

De volta ao rancho de Lorelly, ria, dizendo:

— Estão convencidos de que aqueles três fugiram...! E agora, vamos falar de trabalho. Amanhã cedo virão todos os que me prometeram ajudar no rodeio. Alguns, com a idéia de estudar o terreno para voltar depois em busca de algumas reses...

No outro dia, Norman distribuiu homens pelo vale, formando uma espécie de corredor pelo qual todo o gado teria de passar. Aquelas paredes humanas iriam se juntando à medida que outros vaqueiros tangessem os animais, formando então um verdadeiro cercado, com uma única saída.

Todos admiravam a manobra, mas a maior surpresa foi quando uns vaqueiros apareceram com latas de tinta vermelha e brochas. As reses recebiam uma pincelada no lombo quando saiam por aquela "porta". E iam sendo contadas facilmente, e com precisão.

O sistema de Norman era comentado com assombrada admiração. Jeffries, quando lhe contaram, deduziu:

— Quer dizer que a contagem foi exata... e a pintura é um freio para os "cuatreros"... Ninguém se atreverá a roubar um animal marcado desse jeito.

— É — assentiu Wilcolm, aborrecido. — Dizem que alguns andaram dando banho em algumas vacas, mas a tinta não sai.

— Outros rancheiros o imitarão, usando cores diferentes, e ninguém mais poderá lhes roubar nem um bezerro!

No rancho dos Hull também se falava da idéia de Norman.

— É, idéia do velho inútil... — dizia Bill. — Papai tinha razão ao dizer que ele seria perigoso... Já está sendo!

Alguns dias depois, uns vaqueiros repararam num grande bando de abutres que esvoaçavam no sopé da Montanha Coroada, e foram até lá para ver o que havia. A carniça, pelo jeito, era grande, a julgar pelo número de pássaros.

Avistaram as carcaças de três cavalos, do alto do barranco, e os despojos de três homens. Não era difícil adivinhar o que acontecera, considerando-se o desaparecimento de Buck e seus dois amigos. À hora

do almoço, George dizia:

— Já se sabe o que houve com aqueles três, então... Decerto quiseram cortar caminho pelo Paso das Águias, achando que poderiam passar sem provocar um deslizamento... Está provado que é loucura querer passar por lá.

Todos os Hull respiraram com imenso alívio, porque os três já não poderiam denunciá-los... Não podiam imaginar que tinham sido mortos por Sue.

Uma semana depois, falava-se de um assalto à diligência, o segundo em três meses. Condutores e passageiros tinham sido assassinados. E culpavam os índios mescaleros daquele crime.

Norman tinha outras idéias a respeito. Conhecia bem o rancho dos Hull, e sabia que eles, por sua vez, conheciam os labirintos da serra, pelos quais se podia chegar rapidamente à estrada percorrida pelas diligências.

Andou, sozinho, várias horas, pensando, sentindo-se culpado pelos dois crimes: o assalto à diligência e a acusação aos índios, inocentes. E se perguntava como os Hull descobriam que a diligência levava muito dinheiro.

Sua consciência doía, e lhe dizia que era tão culpado como os homens a quem aju-

dara, anos a fio, tratando dos que voltavam feridos daquelas expedições. E guardando segredo, em vez de entregá-los às autoridades.

Norman pensava que Sue ignorava tudo aquilo, mas ela vira uma vez os panos sujos de sangue, quando se dizia que Hector voltara doente de uma viagem... Compreendera qual era a sua doença, e a finalidade da viagem para "comprar" reses...

Naquele dia, quando Tom foi novamente ao rancho de Lorelly para falar com Norman, a jovem se perguntava quem seria o ferido que precisava dele. E isso, logo após o assalto à diligência... Era muita coincidência!

Norman andava nos campos, e foi Lorelly quem recebeu Tom.

— Ainda não se convenceu de que Norman não voltará, Tom? — perguntou Lorelly. — Não vou nem mandar chamá-lo...

— Não quero que ele vá para ficar, só que vá falar comigo.

Sue entrou na sala a tempo de ouvir aquilo.

— Não creio que ele vá, papai... Não conte com isso.

Quando o pai se foi, pedindo que ao menos dessem o recado a Norman, Sue foi à vila. Sabia que encontraria algum vaqueiro da equipe do seu pai. E encontrou. Puxando conversa com ele, soube que o "enfermo" era

Olsen, um dos que sempre acompanhavam o seu pai nas viagens.

Norman fora embarcar uma ponta de gado que Lorelly vendera. Quando voltou da estação, ela lhe deu o recado de Tom. E Sue lhe disse, por sua vez:

— Estive em Piçacho, e soube que Olsen está "doente"... Deve ser "chumbite", como sempre... Por isso papai veio chamá-lo.

— Então, você sabe... — mur murou Norman.

— Há muito tempo. Desde que Hector teve "pneumonia". Desta vez a coisa deve ter sido no assalto à diligência... Ande, vá atender aos seus amigos! Nunca pensei que fosse tão criminoso como eles!

Sue não pôde conter-se, e desatou a chorar.

— Tem razão, Sue, sou mesmo tão criminoso como eles... porque eles ameaçaram matá-la se eu não obedecesse! Agora você não está mais lá, mas corre perigo do mesmo jeito...

Sue reconhecia que fora injusta, insultando o amigo, mas não se decidia a pedir perdão. E Norman pensou que teria de exterminar a família para salvá-la e escapar do seu domínio.

Pensou também em lhes aplicar o castigo mais doloroso: roubar-lhes o botim, que Tom

mantinha muito bem escondido. Nem mesmo seus filhos conheciam o esconderijo.

Ele o conhecia porque andara espionando Tom. Queria sumir daquelas terras, mas pensava em matar Tom e seu filho mais velho, George. Achava que, livres da influência deles, os outros poderiam regenerar-se.

Pensando na falsa acusação feita aos índios, pretendia meter uma flecha no peito de cada um. Norman era amigo dos índios da Reserva de Ruidoso, e operara muitos que necessitavam mais de cirurgia que dos remédios e exorcismos do feiticeiro. E até este o admirava e aceitava seus métodos.

Assim, Norman foi à reserva, e voltou de lá com um arco e várias flechas, que escondeu na gruta da Montanha Coroada. Logo, foi buscar o tesouro de Tom Hull.

Ficou assombrado ao ver a quantidade de dinheiro e jóias, mas muito mais quando leu certos documentos cuidadosamente embrulhados. Descobriu então que Sue não era filha de Tom, mas de um certo casal chamado Morgan...

Havia inclusive um testamento no qual se relacionavam os diversos bens que Sua herdeira quando fosse maior de idade. Norman fez contas e verificou que faltavam três meses, somente, para que ela completasse

os vinte e um anos de idade.

Não podia haver dúvidas quanto à identidade da jovem, que na realidade se chamava Linda Morgan, porque Sue apresentava os dois sinais inconfundíveis mencionados em cartas ali guardadas também: duas manchas escuras, na parte interna das coxas. Ele sabia da existência daqueles sinais porque cuidara dela, em menina, como se fosse sua filha.

Norman esteve pensando em tudo aquilo, nos dois dias seguintes, depois de levar o tesouro para a gruta da Montanha Coroada. Resolveu perguntar a Tom como se apossara daqueles documentos. Claro que a menina poderia ter sido sequestrada, mas o roubo dos documentos seria mais difícil...

Não pôde perguntar coisa alguma, entretanto, porque no terceiro dia Tom Hull morria, numa queda de cavalo, picado por uma cobra. Assim, Norman teve que passar diretamente à segunda parte dos seus planos: informar à própria Sue e ajudá-la a encontrar os parentes e a receber a sua herança.

Foi buscá-la, e a levou à gruta, onde lhe mostrou os documentos, e o dinheiro roubado pelos Hull em todos aqueles anos. Ocultou as jóias, entretanto. Sua poderia cismar de ficar com alguma peça, o que seria muito perigoso para ela, caso a jóia fosse casual-

mente identificada por alguém.

— Já não se pode devolver nada disso aos donos — disse ele. — E precisaremos de dinheiro para procurar a sua família... Iremos para Santa Fé em seguida, e tomaremos as providências necessárias. Agora que o seu suposto pai está morto, ninguém estranhará que queira ir embora daqui...

Sue estava tão abismada que não conseguia pronunciar uma só palavra. Reconhecia que Norman tinha razão, era preciso que se apresentasse aos parentes, assumindo a sua identidade.

George e seus irmãos andavam como loucos, desesperados, porque nenhum deles podia sequer imaginar onde o pai ocultava o botim. Tampouco podiam imaginar que ele não existia mais...

Resolveram vender o rancho e o gado, dividindo o dinheiro, para que cada um fizesse o que bem quisesse da sua vida. Mas a ambição os levou a vender também as reses remarcadas, e foram todos linchados.

Sue já partira, com Norman, para Santa Fé. Dissera a Lorelly que ia procurar uns parentes, sem mencionar os documentos que Norman achara. Norman esperava encontrar em Santa Fé um velho amigo seu, advogado, que certamente os ajudaria.

CAPÍTULO 04

Chegando a Santa Fé, hospedaram-se num bom hotel. Mas saíram no mesmo dia para ir à casa do advogado.

— Espero que ainda esteja morando lá... — dizia Norman.

Conhecia bem a cidade, e não teve problemas para orientar-se, embora ela tivesse crescido muito nos últimos anos. Também teve a satisfaçao de verificar que Belton morava na mesma çasa.

— Ele não está aqui, a estas horas — disse a senhora que o atendeu. — Tem escritório na Rua Lincoln... É no número vinte e quatro. Será melhor que o procurem lá. Aqui, só à noite...

Norman agradeceu, e foram à rua Lincoln. Uma jovem muito bonita os recebeu e os conduziu à outra sala. Norman percebeu logo que as coisas não iam muito bem para o amigo...

— Em que posso servi-los? — indagou Belton, após as saudaçoes. — Sentem-se, por favor...

— Levante-se, você, e venha me dar um abraço, seu patife! — replicou Norman. — Não me conhece mais...?

Belton, que na verdade se levantara à entrada dos dois, pestenejou, com espanto,

exclamando em seguida:

— Fargo...! Velho patife é você, que abandona os amigos... Onde estava metido, todo esse tempo? E por que se veste assim?

Abraçaram-se com todo o calor de uma antiga e sólida amizade. Belton continuava fazendo perguntas.

— Esta moça é sua filha...? Onde estão morando?

— Vamos por partes, e lhe contarei tudo — disse Norman. — Esta moça não é minha filha, mas é como se fosse... e é por causa dela que estou aqui. Conhece a firma Dawson e Conway?

— Claro... são os maiores advogados da cidade...

— E você não tem amigos políticos, pelo jeito...

— E você, sempre observador... Mas que é que há com Dawson e Conway? Não quererá me lançar a uma luta com eles, não...?

— Pois acho que a questão será essa mesmo. Ou tem medo...?

— Não é propriamente medo deles, mas sim de perder a causa, devido, precisamente, à falta desses amigos... É triste, mas é a realidade...

— Você sempre foi o primeiro de turma, formou-se com distinção, mas está num escritório pobre... Por quê?

— Bom, a culpa é, justamente, daqueles dois. Não me deixam trabalhar. Ganhei uma causa, quando havia um juiz reto e justo, e eles jamais me perdoaram... Nem sei para que conservo este escritório. Por falar nisso, quero apresentar-lhes a minha filha, que é a minha secretária...

A jovem se chamava Molly, e se mostrou agradavelmente surpresa quando soube que o visitante era um velho amigo de seu pai. Após as apresentações, Norman disse:

— Bom, vamos falar logo de negócios... Fique, Molly, por favor. Já que é filha do meu amigo, pode saber de tudo de uma vez. Por outro lado, Sue precisa de uma amiga, não conhece ninguém nesta cidade...

Um momento depois, Norman mostrava os documentos que Tom escondera tantos anos. Belton e Molly deram uma olhada neles, e ficaram tão assombrados como Norman ficara ao achá-los.

— Santo Deus...! — murmurou Molly. — A herdeira desaparecida dos Morgan...! Papai, isto é uma bomba!

— É — concordou Belton. — Mas você terá que falar com Dawson e Conway, Norman... São eles os advogados dos Morgan..

— Estou falando com você! Você será o advogado de Sue... isto é, de Linda. E parece que é causa ganha...

— Ganha, sem problemas, se a sua protegida tem os sinais mencionados aqui. Acho que deve começar falando com Alan Morgan, que é o chefe da família nesta região. Chester Morgan, o primo, dirige outro setor dos negócios, longe daqui.

Combinaram que Belton visitaria Morgan, e depois iria ao hotel, falar novamente com Norman e Sue. Mas teve que levar uma notícia ruim para eles: Alan Morgan não podia receber ninguém porque sua filha sofrera uma queda de cavalo, e estava praticamente moribunda.

— Que lesões terá sofrido? — perguntou Norman. — Eu gostaria de examiná-la...

— Já foi examinada por todos os médicos da cidade, e nenhum deles dá esperanças aos pais...

— Quero vê-la, mesmo assim. Não acredito que a coisa seja tão ruim assim. Deve haver alguém que possa me introduzir na casa deles... Pense, Belton.

— Bom, posso falar com Bower, empregado das empresas Morgan há muitos anos... Vamos ao escritório.

Mas Bower não estava no escritório, e sim na residência dos Morgan. Trabalhava com Alan há muitos anos, e era como se fosse da família. Como Belton procurava por ele, e não pelo angustiado pai, permi-

tiram que entrasse na sala.

— Bower, bem sei como gosta de Nancy, como deve estar aflito... Por isso trouxe um médico, amigo meu...

— Deixe que eu fale com ele — interveio Norman. — Quero examinar a moça. Pode pedir referências ao Dr. Van Dyne, de Boston, se quiser...

— Van Dyne é o único que poderia salvá-la, segundo os médicos daqui. — disse Bower, impressionado — Mas não chegaria a tempo... Se o senhor acha que tem alguma possibilidade de...

— Acho que sim. Fale com o Sr. Morgan, telegrafem a Van Dyne, mas tem que ser rápido...

Bower foi falar com o patrão. Este, angustiado e confuso, não sabia se aceitar a proposta do desconhecido Norman Astor ou a palavra dos médicos que rodeavam a sua filha.

— Não se pode operar — diziam eles. — Seria um crime...!

Morgan resolveu telegrafar. Era uma última esperança a qual agarrar-se. A tensão cresceu enquanto se esperava a resposta. Mas esta chegou em seguida, e não poderia ser mais animadora para o pobre pai. Van Dyne dizia inclusive que lamentava não poder assistir à operação para aprender um pouco

mais com o Dr. Norman Astor...!

Norman e Belton continuavam sentados na sala, aguardando aquela resposta. Bower apressou-se a chamar o primeiro, mostrando-lhe o telegrama de Van Dyne. Pouco depois, Norman examinava a paciente e abanava a cabeça afirmativamente.

— Sim, vamos esperar — disse. — Se algum colega quiser me ajudar, ficarei muito grato...

O quarto de Nancy foi transformado, a toda pressa, em sala de cirurgia. O jovem Dr. Trevor disse que ajudaria, mesmo se arriscando a sofrer as críticas dos colegas

Passaram-se três horas de aflita tensão, até que norman abriu a porta do quarto e chamou Morgan. Mas fechou a porta, depois de dar entrada somente a ele e Bower.

— Dê graças a Deus. Sua filha está salva. Dentro de uns seis meses poderá montar novamente o seu cavalo favorito.

Morgan não podia dizer nada. Chorava como um menino. Saiu do quarto às pressas, para acordar Annie, a sua mulher, que tomara um calmante.

— Está salva...! — dizia, ao passar pelos médicos.

A casa que passara horas em clima de angústia parecia agora estar em festa. Os criados davam um jeito de chegar à porta do quarto e espiar a jovem patroa, olhando o seu peito para se convencerem de que respirava...

Morgan mandou preparar quartos para Norman e sua jovem acompanhante. Na confusão, ainda pensava que fossem pai e filha. E só no dia seguinte Norman disse que gostaria de falar com ele a sós, e lhe contou a história de Sue.

O assombro de Morgan foi imenso, também. Chamou Annie, a quem expôs a situação. E ela olhou para a jovem hóspede, longamente, abismada, dizendo:

— Então foi por isso que tive a impressão de que já a conhecia...! É a cara da Linda! Santo Deus...!

— Prefiro que a senhora veja os sinais que ela tem — disse Norman. — E, depois... segredo absoluto! Temos que tomar certas providências, antes de apresentá-la oficialmente...

Linda acompanhou a tia ao seu quarto, de boa vontade. Quando voltaram à sala, Annie disse:

— Sim, ela tem aqueles sinais tão falados, Alan... É linda!

— Muito bem — disse Morgan. — Vocês terão que ficar aqui mais uns dias, por causa de Nancy, mas depois irão novamente para o hotel, ou para a casa de Belton... Seremos os únicos a saber desta história, até que se esclareça uma outra...

Morgan falou da outra história: os advogados Dawson e Conway já haviam anunciado que Chester, o seu primo, encontrara

a herdeira considerada morta há tantos anos.

— Claro que só a aceitaríamos se apresentasse os sinais... e sabíamos que não os apresentaria — dizia Annie. — Chester e Patty estavam longe, quando Linda nasceu, por isso não sabem da existência desses sinais.

— É lamentável, mas teremos que entregá-los à justiça — suspirou Morgan. — Eles só souberam que Linda e seu marido, John, major do Exército, foram assassinados quando iam para Fort Smith. O corpo da menina não foi encontrado, mas se deduziu que tivesse desaparecido no incêndio da carroça...

"Agora, nossos primos vêm com essa história de que a menina foi salva por um sobrevivente do massacre, que a criou... E que ele encontrou também os seus documentos, metidos no fundo da cestinha onde ela dormia. Segundo os nossos primos, Linda teve tempo para esconder a filha antes de ser morta...

— Pois bem, vamos esperar por eles e pela nossa sobrinha... — disse Annie, rindo. — Terão a maior decepção da sua vida!

CAPÍTULO 05

Nancy se recuperava satisfatoriamente, e Belton insistiu em levar Norman e Sue, agora Linda, para a sua casa. Mas Norman visitava a sua paciente todos os dias. Linda, obedecendo às instruções dos quatro interessados —

os tios, Norman e Belton, mantinha-se afastado da mansão, como se nada tivesse a ver com a família Morgan.

— Elas terão tempo, depois, para uma convivência estreita, como primas — dizia Morgan. — O que interessa, no momento, é desmascarar os impostores. E é perigoso que eles a vejam, porque ela é o retrato vivo da mãe.

Norman fixou uma quantia mensal que Belton iria recebendo enquanto tratava do caso. Quando tudo se resolvesse, a própria Linda pagaria os seus honorários definitivos.

Quanto a Norman, com o sucesso da operaçao praticada em Nancy, não tinha mais um momento de sossego. Falava-se dele como de um verdadeiro mago da medicina e da cirurgia, e havia uma verdadeira romaria de enfermos ou parentes de enfermos à porta da casa de Belton, todos os dias.

A ética proibia que ele tomasse os clientes dos colegas assim, de modo que foi para o pequeno rancho de Belton — negócio que proporcionava ao advogado uma vida decente — mas de nada lhe serviu esconder-se. Os interessados iam até lá consultar.

Finalmente, Norman foi dizer ao diretor do hospital que podia contar com ele nos casos de cirurgia, se quisesse. E a resposta foi um convite para exercer ali a sua profissão.

Nancy estava passando uma temporada

no campo, a conselho de Norman, e sua mãe passava uns dias com ela e uns dias com o marido, na cidade.

Naquele dia, Annie recebeu com sorrisos uma visitante que esperava com ensiedade: Patty, a mulher de Chester, o primo do seu marido.

— Nancy já está bem, não é? — perguntou ela, com interesse.

— Graças a Deus e ao doutor que Ele mandou tão a tempo...! Mas ainda está em recuperação, no campo.

— Que coisa...! Dever tudo isso a um vaqueiro...!

— A um grande cirurgião que chegou vestido à vaqueira!

— Não sabe que o chamam de "Vaqueiro", na cidade...?

— É um apelido carinhoso que lhe deram, e ele até gosta. E não impede que os colegas o consultem, em casos graves.

— Bem, eu vim para lhe dar uma notícia realmente surpreendente, Annie... Tenho certeza de que se alegrarão muito... Dawson e Conway não lhes disseram nada...?

— Nada de novo, que eu saiba...

— É natural. São gente de responsabilidade. Não quiseram falar sem ter certeza absoluta...

— Gostaria de saber qual é a surpresa. Despertou a minha curiosidade, portanto... tem de falar de uma vez.

— Lembra-se daquilo que se comentou durante anos...? A morte da sua cunhada, quer dizer, de seus cunhados e da menina?

— Sim, claro, aquela do testamento dos avós...

Patty, com ar muito misterioso, anunciou:

— Pois aquela menina não morreu!

— Está brincando! Como é que não morreu? Se estivesse viva, teria sido encontrada... Gastamos muito dinheiro com investigações e buscas, porque seu corpo não foi encontrado. Finalmente concluiu-se que foi carbonizado dentro da carroça...

— Ela está viva. Os advogados já comprovaram. Talvez até se aborreçam comigo, porque falo primeiro que eles, mas... eu não aguentava mais! Tinha que lhes dar a notícia!

— Não é possível,.. parece tão absurdo, depois de tantos anos... Seu nome acabou andando de boca em boca... Mas, como...?

— Houve outro sobrevivente naquela chacina, um homem. Conseguiu esconder-se e salvar a vida. Depois, ouviu o choro da menina... Procurou-a, e a encontrou. E achou também os seus documentos. Criou a menina como filha... Enfim, os advogados lhes darão os detalhes... Alan certamente ficará tão surpreso — e incrédulo — como Chester ficou, mas.

— Hum... e só aparece agora, esse homem, depois de tantos anos? Sua obrigação era procurar as autoridades...

— Com aqueles documentos, inclusive o testamento...? Vamos, minha cara... ele esperou o momento oportuno, por interesse, naturalmente. Mas o fato é que cuidou muito bem da menina...

— Está me deixando gelada! Isso mais parece uma história de Dickens... E onde está a garota, agora?

— Os advogados é que sabem, vão apresentá-la dentro de alguns dias, quando completar os vinte e um anos. Querem fazer uma grande surpresa à sua verdadeira família... Nós, afinal de contas, somos apenas primos.

— Não será uma história inventada pelos advogados...?

— Isso, não sei, mas eles afirmam que é a verdade.

— Direi a Alan que vá falar com eles...

— Não! Por favor, não quero que me chamem de linguaruda!

— Já deveria ter falado com ele, não acha? E Chester também tinha que ter comunicado. Chester sabe que Alan é o chefe da família, por assim dizer.

— Tinha que esperar a confirmação...

Quando Alan chegou em casa, Annie disse, rindo:

— A sua sobrinha Linda chegou, afinal! Patty esteve aqui...

— Não terá deixado escapar alguma palavra que...

— Claro que não! Eu poderia ter sido uma ótima atriz!

— Quer dizer que mandaram a Patty preparar o terreno...

Annie relatou tudo o que a prima dissera, acrescentando:

— E não ocultam que o tal homem que a criou é um interesseiro... Mas reconhecem que tem razão, que qualquer um cairia na tentação, tendo conhecimento daquele testamento... E que merece a recompensa que espera, porque cuidou muito bem da menina.

— Todos eles serao muito bem recompensados! Terão casa e comida de graça por muitos anos...!

O casal ria. Naquele mesmo dia, Alan falou com Norman.

— Deve levar isso ao conhecimento das autoridades.

— Pois venha comigo, falaremos logo com o promotor...

Morgan era muito amigo de Olsen, o promotor. Tiveram uma longa conversa. Norman contou como encontrara os documentos, oculto com o botim de muitos assaltos, cometidos pelo homem que se dizia pai de Linda.

— Mas o senhor é o doutor que operou a Nancy. — observou Olsen, intrigado.

— Sim, e certamente gostaria de saber, como o Sr. Morgan, por que passei tantos

anos como vaqueiro... É uma curiosidade natural. Acontece que um dia tive de operar uma paciente muito especial: a minha noiva. Era um caso muito delicado, de alto risco... Ela morreu na mesa, nas minhas mãos. Fiquei desesperado, me sentindo culpado, inútil... O pior foi que a família dela também disse que o culpado era eu. Perdi o gosto pela vida, pela profissão, e abandonei tudo...

Morgan e Olsen abanavam a cabeça, com desgosto. Norman não quis falar da sua conveniência com os salteadores. Mas falou do seu trabalho junto aos índios, ainda que por alto. Logo, falaram do papel dos advogados naquela farsa da herdeira.

— São bem conceituados porque sempre conseguem ganhar as causas, mas nunca gostei deles — disse Olsen.

— Neste caso, a idéia deve ter sido dos meus primos — disse Morgan. — Talvez da Patty, que sempre foi mais ambiciosa que Chester. Mas ele concordou... E só ele tinha dados para reproduzir a documentação, o testamento dos meus pais... Mas, naturalmente, os advogados são tão culpados como eles...

— Bem, vamos esperar que se apresentem... — disse Olsen.

Enquanto isso, Dawson e Conwey se preparavam para levar o caso à justiça. Esfregavam as mãos, contentes da vida, pensando no que iriam ganhar apoiando aquela farsa.

Alan Morgan temia perder a cabeça quando

o primo aparecesse representando o seu papel na comédia. Norman e Olsen compreendiam a sua indignação, mas lhe pediam que tivesse calma.

Chester, falando com os dois advogados, dizia:

— Acho que parecerá mais natural e verdadeiro que eu mesmo vá anunciar aos meus primos que sua sobrinha está viva... Direi que London, o homem que a criou, apresentou-se a vocês e lhes mostrou os documentos que guardou todos esses anos... Não quero que Alan se aborreça comigo, achando que tratei do assunto às costas dele...

Os advogados concordaram. E Chester acrescentou:

— Claro que Patty já esteve falando com Annie... e esta deve ter contado ao marido. E me surpreende que ele não tenha me procurado ou mandado me chamar. Acho que não acreditou na história. É difícil acreditar, mesmo... mas, quando ele vir os documentos...

Assim, Chester foi visitar o primo. Este sorria ao cumprimentá-lo, e foi logo dizendo:

— Não terá acreditado naquela história que Patty contou a Annie, hem...? Foi comprovado que os três morreram...

— Foi comprovado que os pais morreram, a verdade é essa, Alan. Mas não se encontrou o corpo da menina.

— Você já viu a moça?

— Não. London, o homem que a salvou e criou, não quer apresentá-la antes da comprovaçao, pelos documentos, da sua identidade. Quer que seja seja logo aceita pela família.

— Eu não vou aceitar coisa alguma assim, sem mais nem menos.

— É natural, tudo terá que ser muito bem esclarecido... Não se pode entregar tamanha fortuna a uma impostora. Mas Dawson e Conway, pelo jeito, já estão convencidos...

— Como terão vivido, até agora...? Não acha que esse tal do London teria aparecido muito antes, com a certeza de que seria bem recompensado pela entrega da menina?

— Quer dizer que você vai lutar, na justiça?

— Você mesmo disse: tudo terá que ser muito bem esclarecido. Se a moça for mesmo a minha sobrinha... receberá o que é dela. É uma fortuna à parte da nossa, mesmo, não nos fará falta...

— Sim, tem razão. Mas esses dois advogados são muito conceituados, experientes... e parecem convencidos... O tal London é que não me agrada muito. Dizem que criou a menina como filha, cuidou muito bem dela, e tudo o mais, mas... para mim, o que fez foi guardá-la como se fosse um cheque ao portador...

— Se ela for mesmo Linda Morgan, veremos o que diz a respeito dele. Se ela achar que ele merece recompensa, tudo bem. Se

não... podemos até acusá-lo de sequestro... não acha?

— Isso também é verdade. Tudo dependerá, nesse ponto, da opinião que Linda tenha dele...

Saindo dali, Chester foi expor aos advogados a posição que seu primo já adotara. E disse:

— Caberá a vocês convencê-lo...

— Será convencido pelos documentos! — disse Dawson. — Eu me encarrego dessa parte! E minha eloquência sempre foi muito elogiada, como sabem...

Os três riam, certos de que a causa estava ganha.

— Dependerá muito da garota, também — disse Conway. — Tem que estar muito bem preparada...

— Já estudou muito bem o seu papel. É uma jovem atriz que promete muito. Todos dizem que terá um futuro brilhante nos palcos. Por outro lado, só terá que se mostrar tímida, meio assustada, e dizer que sempre pensou que London fosse o seu pai. Virão pessoas que os conheceram como pai e filha, se preciso...

Tendo em vista a atitude de Alan, resolveram mostrar-lhe logo a sua sobirnha, mas no escritório dos advogados. Mandaram chamá-lo e ele cumprimentou a jovem atenciosamente, admirando a sua inegável beleza. Logo, fez algumas perguntas às quais, com

certeza, ela saberia responder adequadamente.

Chester e os advogados sorriam, satisfeitos, vendo como ela se saía bem, representando o seu papel com perfeição e naturalidade. Respondia rapidamente, sem hesitações.

De repente, para surpresa geral, Alan perguntou-lhe:

— Sabe que é crime fingir que é outra pessoa?

— Não sei porque pergunta isso! — saltou Dawson, levantando-se, muito ofendido. — Ela não está fingindo...!

— Estou conversando com ela. Vocês sabem que há meios seguros de provar se ela é Linda Morgan ou não? Há um meio que independe dos documentos. Ela terá que ser examinada pelas pessoas que assistiram ao seu nascimento, que cuidaram dela nos seus primeiros momentos, dias e meses de vida... Mulheres que vivem ainda, e viram algo que a própria mãe mencionou em cartas escritas ao marido — ausente, na ocasião — e a amigas.

Chester e os advogados se entreolharam, perplexos e assustados. Alan admirava a serenidade da jovem, que se mostrava apenas intrigada. Mas pareceu preocupar-se quando ele solicitou a presença de Olsen, do Juiz March e do xerife Norton.

Alan queria que eles estivessem ali quando chegassem as três velhas criadas da família para examinar a suposta herdeira. E, já mandara um cocheiro buscá-las, numa carruagem.

Quando chegaram, Alan apresentou-as a todos os presentes, dizendo à jovem:

— Pode acompanhá-las à outra sala. Elas a examinarão para ver se apresenta os sinais que a identificarão positivamente. Se não os encontrarem, você será entregue às autoridades.

— Está assustando a moça! — protestou Dawson, pálido.

— Ela tem que ser avisada do que lhe acontecerá se for uma impostora. — Alan virou-se para Olsen e March. — Senhores, aqui estão as cartas escritas pela minha irmã, e algumas pela nossa mãe, nas quais ambas mencionam, a título de curiosidade, os sinais que identificarão positivamente a minha sobrinha. Estas mulheres, que cuidaram dela, logo começaram a chamá-la de "menina marcada"...

As autoridades leram as linhas que Alan assinalara nas cartas, referentes aos sinais em forma de meia lua, na parte interna das coxinhas da recém-nascida.

— Ei, esperem um pouco! — exclamou a jovem, de repente. — Não há necessidade de exame nenhum. Não quero me despir! E eu mesmo posso dizer que não tenho sinal nenhum, nem nas coxas nem em qualquer outra parte do meu corpo. E ninguém me falou nada de intervenção das autoridades...!

— Inventaram essa história dos sinais para assustá-la! — exclamou Chester. —

Você tinha que ficar calada...!

— Você conheceu a letra da sua tia e da sua prima, Chester — disse Alan. — E conheceu estas mulheres que cuidaram de Linda quando nasceu. Elas falaram dos sinais em questão a toda a criadagem da casa... Ah, aí está Annie...

Annie chegava, com Linda e Patty. Prometera a esta uma surpresa, em retribuição à que ela lhe dera...

— Vamos à outra sala, todas nós — disse Annie. — Inclusive você, menina... e veremos os sinais na verdadeira Linda Morgan. Realmente, não morreu, e já se apresentou há dias, mas guardamos segredo para ver até que ponto vocês levariam essa farsa.

— Eu não quero encrencas com a lei! — protestou a impostora, — Eles me prometeram dez mil dólares para representar um papel, eu nunca vi tanto dinheiro, em toda a minha vida...!

Mas a jovem atriz foi parar na cadeia, com os outros cinco culpados. E Sue foi apresentada e reconhecida como a verdadeira Linda Morgan.

Belton foi encarregado de receber e administrar a herança que cabia a Linda. Era a recuperação da sua vida profissional, truncada pelos dois colegas que agora passariam 10 anos na cadeia. Chester e Patty, e London, tinham sentença semelhante. A pena mais leve foi para a jovem atriz,

considerada como uma vítima daqueles elementos.

CAPÍTULO 06

Linda e sua prima se tornaram amigas, formando um trio inseparável com Molly Belton, pelo menos fora do horário de trabalho desta, que continuava como secretária do pai.

Havia outros Morgan que viviam no Leste, e escreviam dizendo que queriam conhecer a ressuscitada, como chamavam Linda, e a convidavam para visitá-los.

Aqueles parentes tratavam de diversos negócios da família Morgan, nas cidades onde viviam e nos seus arredores. Assim fora estabelecido pelo velho Morgan, pai de Alan e Linda. E se reuniam anualmente para prestação de contas.

Alan preferira viver em Santa Fé porque Annie era natural daquela cidade. E geria os negócios espalhados pelo Oeste e Noroeste, tendo escritório também em San Francisco.

Donald Morgan vivia em Chicago, e Frank Morgan em Boston. As distâncias que os separavam não impediam que tudo marchasse perfeitamente, como se verificava nas reuniões anuais.

Foi preciso colocar um filho de Frank Morgan no lugar de Chester, às pressas. Mas o rapaz era competente, e daria conta do

recado, ainda que tivesse alguns tropeços no início.

Alan escreveu aos outros avisando que era preciso incluir Linda na lista dos acionistas, reconhecendo os seus direitos. Foi uma grande surpresa para eles, naturalmente, mas confiavam em Alan, e aceitaram a ordem de boa vontade.

Havia uma serpente no paraíso, entretanto: Belen, a mulher de Frank, ainda mais ambiciosa e intrigante que Patty. Helen fez o marido recordar que precisamente Alan se opusera sempre a repartir o quinhão que deveria pertencer à herdeira considerada morta. E agora era precisamente ele quem a descobria viva e a apresentava à família...

Assim, insidiosamente, Helen fez o marido escrever a Alan dizendo que não aceitava a tal filha de Linda. Mas Alan conhecia Helen muito bem, e imaginou em seguida que a intriga era dela. E recorreu às autoridades, preparando um dossiê completo, com todas as provas e testemunhas necessárias para convencê-los de identidade da jovem.

Frank e Helen apresentaram aquele dossiê a vários advogados competentes e sérios, que o estudaram e disseram que não podia haver dúvidas: a moça era mesmo Linda Morgan.

Helen não se conformou com aquilo. E disse ao marido que deviam ir a Santa Fé, para verificar com seus próprios olhos o que

se dizia da ressuscitada. Frank aceitou a sugestão de enfrentar tão longa e incômoda viagem porque, na realidade, tinha vontade de conhecer a jovem herdeira.

Telefonou ao primo, anunciando que iam visitá-los, não só porque queria conhecer Linda, mas também porque ele e Helen desejavam assistir às festas vaqueiras que se realizariam naqueles dias da sua chegada a Santa Fé.

Alan mostrou o telegrama a Annie, e ela sorriu, dizendo:

— Isso é coisa de Helen. Não sei como pode ser assim. Será que não lhe basta todo o dinheiro que tem? Mas, no fundo, o que ela quer é aparecer, e que o marido apareça também...

— Ele faz o possível... Quando há alguma discordância, nas nossas reuniões, sempre parte dele...

— É a mulher quem lhe enche a cabeça, pode crer.

— Bom, não haverá mais litígio, já está tudo resolvido mesmo. Mas me preocupo com a reação de Linda. A verdade é que é uma selvagem. Isso nós temos que reconhecer. Não recebeu a mesma educação que nós. É terrivelmente sincera. Nancy diz que ela mais parece um barril de dinamite... Ótima pessoa, com um coração de ouro, mas muito perigosa, quando se zanga.

— É muito boazinha, sim, mas tem um

gênio terrível. Isso é verdade. E ninguém devia ter comentado como viveu até agora.

— Não se podia ocultar. E não teve culpa nenhuma, se foi sequestrada, por uns bandidos e cresceu com eles. Daqui por diante se fará o possível para cortar esses comentários...

— Hum, não sei... acho que você não vai gostar, mas...

— Se é à sua família que se refere, já sei que andam falando muito... Não fazem segredo da sua opinião.

— O problema é que são daqui, é uma família tradicional, você sabe... e há muito preconceito nesta cidade... Papai e meus irmãos dizem que Nancy não deve andar com ela...

— Nancy está viva, e perfeita, porque ela apareceu bem a tempo, como aquele doutor. Você sempre foi uma escrava dos preconceitos, das conveniências hipócritas, eu sei, mas me surpreende descobrir, a estas alturas, que é também ingrata... E será melhor que paremos de discutir este assunto. Diga aos seus, de uma vez por todas, que Linda é uma Morgan. E que o vaqueiro — ou pistoleiro — como eles dizem, é um grande cirurgião, e a melhor prova disso é a sua própria filha!

Dito isso, Alan retirou-se, deixando a sua mulher paralisada. Assustada, porque ignorava até então que ele estivesse tão bem informado do que diziam os Mendoza.

Alan estava no Banco, um dos muitos

negócios dos Morgan, ainda irritado, pensando no comportamento do sogro e dos cunhados. E resolveu cortar os seus abusos. Para isso chamou Holden, o diretor, com quem conversou longamente. E acabou dizendo:

— Bom, já sabe, Holden... nada de créditos para os Mendoza. Chega! Eles têm Annie como um seguro vitalício!

Holden sorria, ao sair do gabinete do presidente do Banco. Por ele, já teria cortado os empréstimos concedidos aos Mendoza há muito tempo.

Linda, por seu lado, já sabia como a família da sua tia falava mal dela. Foi Molly quem lhe contou, confidencialmente. Linda fingia que não sabia de nada, para não comprometer a amiga. Mas uma velha criada da casa, que gostava muito de Linda, também lhe contou a mesma coisa, indignada. E lhe falou também da discussão que Alan tivera com Annie.

Linda ia todos os dias ao hospital, para uma visita rápida a Norman. E naquele dia lhe contou o que havia.

— Estou furiosa... e não quero ter que arrastar a tia Annie e seus parentes!

— Calma. Deixe que falem. Você não deve nada a eles. Eles é que devem ao seu tio, até a alma.

— Calma coisa nenhuma. Vão levar uma surra...!

— Por que não vai passar uns dias no

campo? Tem o seu rancho, agora, não? E convém mesmo que cuide dele, que se interesse um pouco pelas suas propriedades.

Isso era verdade, e Linda resolveu seguir o conselho do velho amigo. Já haviam visitado o rancho, os dois. Era muito extenso, e o rebanho, numeroso.

Alan compreendeu a verdade, quando Norman lhe disse que Linda queria passar uns tempos no rancho. Mas não fez comentários. Linda perguntou a Nancy se queria acompanhá-la, e ela aceitou o convite com entusiasmo.

Dois dias depois da entrevista de Norman com Alan Morgan, José Mendoza, irmão de Annie, apareceu no Banco com um cheque de cinco mil dólares, e o Caixa lhe disse que devia falar com Holden, o diretor.

José Mendoza entrou, intrigado, no gabinete de Holden.

— Algum problema...? — perguntou. — Só quero sacar cinco mil, e o crédito solicitado é de cinqüenta mil...

— É que o crédito foi negado — replicou Holden.

— Negado...? Que loucura é essa?

— Já são muitos os empréstimos acumulados, sem garantias, e sem que paguem sequer os juros. O Banco tem suas normas, como deve saber. Sinto muito, mas essa foi a ordem que recebi.

— Está bem, eu dou um jeito nisso!

José saiu furioso. O caixa seguiu-o com a vista, rindo.

— Parece que a vaca não se deixa mais ordenhar... — comentou, com os outros funcionários.

— Claro, abusaram demais... — diziam eles.

José foi queixar-se ao pai, dizendo-lhe que tinha de falar com Annie. E ele foi visitar a filha, certo de que ela intercederia junto do marido. Mas Annie recebeu-o friamente.

— Mas, papai, o que quer que eu faça...? — perguntou, depois de ouví-lo. — Sabe quanto devem ao Banco, pelo menos? E quantas vezes já pagaram juros...? Nem uma, que eu saiba.

— Acontece que o presidente do Banco é o seu marido...!

— Sim, é ele, não eu, papai. O Banco é dele e da família dele. E todos os Morgan trabalham, sabe? Por que não fazem o mesmo, vocês? Porque são os Mendoza, não é?

— Por que não fala com a vaqueira...?

— Como? Seria capaz de aceitar dinheiro dela? Iria se rebaixar tanto assim? Não, papai, sinto muito, mas não vou falar com ninguém! Sei que Alan já anda aborrecido comigo por isso...!

O velho Pablo Mendoza saiu dali assustado. Não havia mais dinheiro nenhum na sua casa. Não podiam vender uma só propriedade, já que todas estavam hipotecadas ao outro Banco que havia na cidade. Via-se metido

num beco sem saída. Ou melhor, com uma saída: a miséria total.

Juan e José o esperavam com ansiedade. Quando viram a sua cara, compreenderam que fracassara.

— O pior é que os funcionários do Banco vão comentar isso pela cidade toda... — disse ele, apenas. — E não teremos mais crédito em parte nenhuma. Nem para comprar comida!

Era o próprio Alan quem fazia saber, no clube, que o Banco não sustentaria mais aqueles parasitas.

— Não quero que os comerciantes tenham prejuízo, vendendo fiado a eles, achando que conseguirão dinheiro do Banco para pagar, depois — dizia.

E, não querendo ir para casa, naquele dia, Alan acompanhou as três jovens ao rancho de Linda, que ficava a certa distância da cidade. Foram recebidos pelo capataz, Belwin, e pelos vaqueiros Arnell e Bacum, seus ajudantes. Cronwell, o administrador, não apareceu, entretanto.

Alan Morgan voltou à cidade ao anoitecer, prometendo visitá-las no dia seguinte. As quatro criadas se encarregaram de levar as malas das moças para seus quartos, enquanto elas conversavam com Belwin, que se mostrava muito atencioso.

— Vou mandar separar um bom cavalo para cada uma — dizia.

— Temos muitos cavalos, aqui? —indagou Linda.

— Não se preocupe, terá um ótimo animal.

— Sim, mas perguntei se há muitos. Quantos?

— Há muitos, sim. E amanhã cedo poderão passear à vontade.

Linda não tornou a perguntar quantos cavalos havia, mas anotou mentalmente as respostas evasivas de Belwin.

Foram percorrer a casa, que era enorme, e Linda admirou a mobília, os cortinados e tapetes, assim como as numerosas obras de arte. Tudo estava limpo e bem arrumado.

Voltaram ao salão, e Linda disse ao capataz:

— Pode sentar-se. Temos que falar a respeito do rancho, do rebanho... Tio Alan me disse que este rancho é um dos mais importantes de todo o território. E que tanto o rebanho eqüino como bovino são enormes... Gostaria de saber quantas reses temos, e quantos cavalos.

— Não sei dizer exatamente, mas são muitos, sim.

— Pode me dar o número aproximado, não faz mal. Nos próximos dias faremos um rodeio e teremos a contagem exata. Não sabe calcular...? Mas terá as relações de quantos animais costumam marcar,

anualmente...

— Não, nunca fizemos relação nenhuma...

— Mas, como? Como se sabe então se temos lucros ou prejuízos? Teremos que organizar tudo, estou vendo... Sabe pelo menos quantos vaqueiros temos?

— Acho que será melhor que fale com Cronwell, o administrador, patroa... Nós fazemos o que ele manda.

— Está bem, falarei com ele amanhã. Mandarei chamá-lo, para que assista à prestação de contas.

Belwin compreendeu que devia retirar-se, e pediu licença, saindo. As três amigas deram uma caminhada pelos arredores da casa, ajardinados. Linda dizia:

— Terei que despedir esse imbecil do capataz. Isto, se não o arrastar por aí até matá-lo! Está pensando que vai rir de mim, mas logo verá como se engana!

— É evidente que não gostou da sua chegada — disse Nancy. — Ele e Cronwell estão habituados a agir como donos.

— Sim, é isso.

— Papai não tinha tempo para se importar muito com o que acontecesse aqui. Seus negócios são muitos, e o jeito é contar com administradores, representantes, gerentes... Alguns são de toda confiança, mas outros...

— Aqui, certamente estão de acordo, administrador e capataz. De acordo para fazerem fortuna às custas da patroa ausente... aliás, considerada morta há muitos anos... Compreendo a posição do tio Alan, mas ela favoreceu aos ladrões.

Quando entraram na sala de jantar, mais tarde, Linda franziu a testa, vendo quatro talheres à mesa. Ali estava Julie, a copeira, aguardando ordens para começar a servir.

Linda olhou-a interrogativamente, indicando o quarto talher.

— É para o capataz — disse Julie. — Sempre come aqui.

— É mesmo? Bom, pode deixar, por hoje, mas a partir de amanhã ele comerá com os vaqueiros. Um capataz não pode isolar-se assim. É justamente à hora das refeições que mais se conversa, fala-se dos problemas do gado e tudo o mais...

— Matt não vai gostar disso... — murmurou Julie.

— Não se preocupe, não é culpa sua, mas ordem minha. E faça o favor de chamar o administrador. Ou não está no rancho? Já faz horas que deve saber que estou aqui, mas não apareceu...

— Deve estar ocupado...

— Você parece muito bem informada de

tudo, Julie...

— Trabalho aqui há bastante tempo, patroa. E a gente sempre ouve coisas...

— Ah, sim, claro...

Nisso, entrou Belwin, e se encaminhou para a mesa.

— Já disse à copeira que a partir de amanhã o senhor fará suas refeições com os vaqueiros — informou Linda.

Belwin parou, atônito, empalidecendo.

— Não é possível... é que assim me respeitam mais e...

— Um capataz tem que conviver com os vaqueiros, para estar melhor informado do que se passa na propriedade. Suponho que tenha o seu quarto, lá, anexo ao alojamento.

— Bom, é que...

— Pode mudar-se para lá, hoje mesmo. Ah, Julie... mande retirar tudo do quarto que ele vinha ocupando, por favor.

CAPÍTULO 07

— Que é que há? — perguntou Alan. — Não dormiram...?

Cronwell e Belwin já o esperavam à porta do Banco, antes que abrisse. E se mostravam nervosos e aborrecidos.

— A sua sobrinha... — disse Belwin. —

Deve estar louca. Os vaqueiros andam rindo de mim, porque ela me mandou dormir no alojamento e comer no refeitório.

— E você, o que fez, Cronwell?

— Ela me insultou, me chamou de inútil, incompetente... Queria saber quantas reses há nos pastos e...

— Mas, a sua obrigação é saber, não? E as relações de animais marcados anualmente?

— Nunca se fez isso.

— Tinha que fazer! Qual é a sua função, no rancho, afinal?

— Fazer os pagamentos, vender reses quando se precisa de dinheiro para isso...

— Quer dizer que nem sabe quantas reses vendem...?

Os dois faltosos ficaram calados, e Alan acrescentou:

— Bom, sua patroa está certa, ela entende dos negócios de um rancho. Foi criada com uma família de vaqueiros.

— Numa família de "cuatreros"! — explodiu Belwin.

Alan fitou-o, longamente, dizendo:

— Eu não deveria tolerar que fale assim da sua patroa, minha sobrinha... mas prefiro permitir que continue dizendo o que pensa... até que ela mesma tome conhecimento!

Belwin empalideceu, e modificou a sua atitude.

— Tem que fazê-la ver que perco autoridade, comendo e dormindo com os vaqueiros... — disse.

— Um capataz tem que conviver com os vaqueiros sabendo manter a sua autoridade — disse Alan. — E, quanto à atitude da minha sobrinha, é a correta. Ela sabe o que faz, e tem caráter.

— Deveria ir até lá, e falar com ela... — disse Cronwell. — Que ao menos não nos insulte diante dos vaqueiros...

— Quem manda lá é ela. Eu nada tenho a ver com coisa alguma.

Mas Alan foi ao rancho, para ver como andavam as coisas. Belwin e Cronwell haviam ficado na cidade, ainda.

— Parece que foram queixar-se ao seu pai, Nancy — dizia Linda, rindo. — Mas não creio que ele me tire a razão.

E, de fato, Morgan nem tocou no assunto. Observava, apenas, com um leve sorriso nos lábios.

Linda, por sua vez, observava os vaqueiros, e reparou nos dois mais velhos, Dean e Sloan, que pareciam homens honestos. Soube separá-los dos outros, para conversar com eles. E soube, com satisfação, que ambos manti-

nham contas do gado vendido.

Jane, a cozinheira, e Julie, observavam os três pela janela da cozinha.

— Mas o que está querendo a ressuscitada? — indagou Julie.

— Parece que quer saber quanto se gasta, aqui...

— E esses velhos linguarudos estão contando tudo a ela! Matt já deveria ter mandado os dois embora...!

— Ela vai acabar descobrindo a verdade...

— Que verdade? — saltou Julie irritada.

— A verdade que todos nós conhecemos, ora! Que Belwin e Cronwell roubam tudo o que podem!

— Belwin não sabe que você fala assim, não é?

— Não estou dizendo nada a ela.

Jane acertava, ao dizer que Linda se informaria de tudo.

— Quer dizer que da última vez venderam quinhentas cabeças? São dezesseis mil dólares, no mínimo...!

Indignada, Linda foi falar com Belton, e ele se encarregou de investigar, na estação, quantas reses tinham sido embarcadas por Belwin. E, com as informações obtidas, Belton recorreu ao xerife e ao juiz.

Logo souberam que não fora feito nenhum depósito na conta do rancho, mas que Velwin e Cronwell mandavam grandes quantias para contas de outras pessoas, noutro Banco, fora do território. Imediatamente telegrafaram, congelando tais contas.

E então o xerife Horne foi ao rancho, com quatro comissários e duas ordens de comparecimento à presença do juiz. Iam tranqüilos, pensando que ninguém poderia provar nada contra eles, fosse o que fosse. Quando se viram presos, começaram os protestos, e o medo.

Julie, no rancho, cometeu o erro de insultar Linda, sem saber que ela estava ouvindo. Levou uma surra que a deixou jogada no chão. E foi despedida.

As outras a socorreram, e ela dizia que ia embora com Belwin, e que não trabalharia mais, porque tinham dinheiro de sobra longe dali.

— Assim você confessa que estavam roubando — disse Jane.

— Quero ver quem prova...!

Morgan sorria, ao saber que os dois estavam presos.

— Eu sabia que Linda tomaria medidas acertadas! — dizia ao juiz. — Não é boba!

Aqueles dois pensaram que fosse...

Os detidos já estavam vendo como se haviam enganado. As provas se acumulavam. Foram julgados e sentenciados a cinco anos. Mas o pior foi saber que suas contas tinham sido bloqueadas. Não teriam dinheiro nenhum quando saíssem da cadeia.

Insultavam e amaldiçoavam a ressuscitada, mas de nada servia isso. Julie, quando soube que Belwin passaria cinco anos na cadeia, sumiu de Santa Fé. Disse que não ia ficar esperando por um ladrão fracassado.

Morgan comentava, em casa, com Annie:

— Passaram anos roubando, e eu sem desconfiar de nada... A verdade é que nunca me preocupei com aquele rancho...

— Bom, não importa, Linda soube recuperar tudo, Uma verdadeira fortuna, dizem... Por que não foram embora quando ela apareceu? Tinham que imaginar que iria pedir contas...

Nenhum dos dois tocava no assunto dos Mendoza. Annie, no fundo, estava aborrecida com o marido porque cortara o crédito deles. Mas não se atrevia a dizer nada. Nancy, porém, dava toda a razão ao pai, e dizia a Linda:

— Aquela gente sempre foi parasita. Não podem se "rebaixar" trabalhando, porque

são os Mendoza. É um orgulho estúpido que nunca consegui entender. Não podem trabalhar, mas podem viver à custa dos outros... inclusive, jogando com trapaça. E rio José até já falsificou a assinatura do papai em cheques...

— Isso é mais bonito do que trabalhar? — indagou Linda.

— Pelo jeito, é. Parece que, no fundo, a questão não é o orgulho, é preguiça mesmo. Ser desonesto é mais fácil que trabalhar... Agora andam dizendo que vão para Albuquerque, onde têm outros parentes que estão bem de vida.

— Vamos ver se esses parentes querem sustentá-los com todos os seus luxos e vícios...

Molly desviou a conversa das duas, ao chegar e falar das festas. Linda já tinha casa própria na cidade, na qual passava dias, voltando depois ao rancho.

Este estava entregue a Dean e Sloan, os quais dividiam as tarefas próprias de um capataz. Linda dera dez dólares de aumento a todos os vaqueiros, transformando-se num ídolo para eles, Exigia muito, no serviço, mas os tratava muito bem, e se interessava pela família dos que eram casados.

Nancy tinha muitos amigos e amigas da sua idade, e voltava à sua convivência, agora que já podia retomar a sua vida normal. E introduzia Linda e Melly no mesmo círculo.

Linda, há anos, desejava saber notícias da família de Norman, mas não tinha a menor pista que a conduzisse ao paradeiro da mesma. Naquele dia, queixava-se disso à prima.

— E não adianta perguntar nada a Norman — dizia. — Ele muda de asssunto imediatamente.

— E o que me diz do Dr. Van Dyne? — sugeriu Nancy, de súbito. — Talvez ele nos dê alguma informação...

— Meu Deus, como fui burra! — exclamou Linda. — É mesmo...!

— Talvez seja melhor que eu mesma lhe escreva... Afinal, sou eu a paciente de Norman, cheia de gratidão...

— Tem razão. Escreva você, então. Mas, e o endereço?

— É só puxar conversa com Norman, descobrir em que hospital de Boston ele trabalha... Tendo o nome do hospital...

E as duas entraram em ação em seguida. Linda ajudou a escrever a carta, falando da vida que Norman levara naqueles anos,

devido ao trágico acidente que o fizera largar a carreira.

Van Dyne não estava em Boston, quando a carta chegou. Mas Stella, sua secretária, abriu-a. Era a encarregada de ler as muitas cartas que ele recebia e de lhe apresentar um resumo de cada uma cada que pudesse responder adequadamente sem gastar muito tempo na tarefa.

Stella respondia a muitas cartas por sua conta mesmo e lhe dava para assinar. Mas separou a de Nancy. Lembrava-se muito bem das exclamações do seu chefe quando chegara aquele telegrama pedindo referência do Dr. Norman a Astor...

Assim, a carta de Nancy foi a primeira que Stella colocou diante do seu chefe, quando ele voltou da viagem que fizera.

— Já li isso, mas me pareceu conveniente que o senhor mesmo leia — disse. — E daquela moça de Santa Fé...

Van Dyne leu, carrancudo, e meneou a cabeça, murmurando:

— Nem eu mesmo sabia por que Norman abandonou a profissão! Deve ter sido muito duro para ele, ver a noiva morrer nas suas mãos, e ainda ser chamado de incompetente pela família dela... Claro que a família estaria

aflita e nervosa também...

— Essa morça quer o endereço da família dele...

— Informações que, infelizmente, não posso dar. Nem sei se ele tinha família... E há mais de quinze anos não tinha notícias deles. Aquele telegrama de Santa Fé foi a maior surpresa!

CAPÍTULO 08

— Mamãe, você não tem recebido a Linda com boa cara... Por quê? Acredita no vovô, e nos tios, que dizem que é a culpada das suas desgraças? Não é ela a presidente do Banco, é?

— Não é nada disso, minha filha... É que não fica bem, na epinião deles, que ande com ela, que a apresente à sociedade...

— Linda fugiu da família, por acaso, para viver com aquela gente que a criou? Foi ela quem escolheu aquela vida?

— Não, claro que não, mas...

— O seu problema é o mesmo de todos os Mendoza, mamãe: orgulho, um orgulho estúpido, baseado não sei em quê! Ouvi

comentar, algumas vezes, o que se dizia na sua casa, antes que se casasse com papai, sabe...? Seu pai e seus irmãos queriam que se casasse com um Morgan, de qualquer maneira...! Por interesse! Seu casamento, para eles, seria um investimento...!

— Pode ser que eles pensassem assim, mas eu não! Eu me casei por amor! É certo que me sentia orgulhosa, lisonjeada pela preferência do seu pai... Eram muitas as moças que desejavam conquistá-lo- sabe?

— E papai a escolheu, e você passou a fazer o jogo dos Mendoza, obrigando-o a mantê-los com grandes quantias para que continuassem com os seus vícios, vivendo em grande estilo, sem pensar em trabalhar honestamente. E agora que papai abriu os olhos e se recusa a lhes dar mais nada, você se aborrece com ele, e com quem não tem nada a ver com coisa alguma!

— Reconheço que você tem razão, ao menos em parte, minha filha... — Disse Annie, contrita.

— Pois então procure corrigir o seu erro, mamãe. Papai anda muito magoado. Talvez já ande pensando que você só se casou com ele por interesse... Espero que mude, para o bem de todos. Principalmente o seu mesmo,

mamãe.

Annie pensava nas verdades que Nancy lhe dissera. Ficou tão absorta que em a viu sair. Reconhecia que fora orgulhosa e soberba. Chegara a dizer que Morgan era um milionário, mas que ela pertencia à aristocracia do sangue e da história. E que, portanto, ele é que fizera um bom casamento...

Também se orgulhava de ter sido a escolhida por ele, entre tantas moças. E achara que tinha obrigação de manter os seus, para que não tivessem de trabalhar, sendo parentes de um rico financista. Coisa que até se poderia justificar no caso do seu pai, já idoso, agarrado às tradições, mas jamais no dos seus irmãos, jovens e fortes. Se eles tinham inteligência para trapacear no jogo e cometer outros atos desonestos, tinham que ter também para trabalhar e ganhar o seu sustento.

Annie suspirou, rememorando todos os abusos cometidos. Dos quais ela mesma participara, como intermediária. Pensou que uns aristocratas como Juan e José não podiam sujar as mãos num trabalho honesto, mas podiam sujá-las formando sociedade com um certo Taylor, dono de um saloon

que não era um local de divertimento, mas um antro de todos os vícios.

Sentiu-se muito arrependida de ter sido injusta com o marido. E mais ainda quanto recebeu a visita de José, o mais velho, que lhe disse:

— Pode dizer ao seu marido que não precisamos de mais nada dele... Já temos crédito no outro Banco. Lá não se discute por causa de um dólar!

— No nosso se discute por causa de milhares de dólares! — replicou Annie. — E vocês se associaram a um jogador que quer tirar proveito do nome Mendoza... Nunca pensei que fossem arrastar o nome da família em tais lugares! E me pergunto como acabarão vocês...!

— Acabaremos tão ricos como o seu marido!

Entrementes, Nancy dizia a Linda e Linda e Molly:

— Sabem que o primo José agora anda me fazendo a corte?

— É mesmo? — riu Linda. — E aquele amigo dele, que parece uma cenoura, está se dedicando a mim!

— Sim, José me disse que nos acompanharão, nas festas, ele e o "Cenoura". Diz

que fazem questão de acompanhar a ressuscitada educada por "cuatreros"...

— Acho que vou comprar um bom chicote... Se me amolarem... Pouco me importa o que digam de mim, contando que fiquem longe! Que não se ponham ao alcance do meu chicote...!

— Isso é coisa do tal Taylor, sócio dos meus primos. É um vigarista. Na verdade, um canalha. É um dos favoritos nos concursos com armas. E é dos que sabem ameaçar.

— A mim ninguém ameaça! — disse Linda. — Quem promete me fazer alguma coisa, terá de fazer mesmo...! Quero ver...!

— Serão os meus primos os encarregados de nos provocar. Dizem que Taylor é quem maneja e domina todos os pistoleiros que há na cidade, e são muitos. É muito rico. Dono dos seis melhores saloons de Santa Fé, nos quais só exploram todos os vícios. Um dia, uns canalhas beijaram a esposa do governador, na rua, fazendo-se de bêbados, e dizem que foi ele quem mandou...

— E estão vivos, ainda, os três...? — indagou Linda. — Esse governador é um trouxa, então!

No dia seguinte, quando as três saíram

para ir ao prado, onde se realizavam os primeiros exercícios, Linda parou.

— Vamos voltar daqui — disse. — Iremos pela outra rua.

— Por quê? — indagou Molly.

— Acabo de ver quatro elementos, lá na frente, que se prepararam quando nos avistaram... Vamos voltar, com naturalidade.

Deram meia volta, devagar, rindo. E um do quarteto disse:

— Puxa... elas nos viram!

— Não seja bobo, Vince! — disse outro. — Se não nos conhecem... Como iriam desconfiar...?

— Estou dizendo que nos viram, Steve! — insistiu Vince.

— Estragaram a nossa brincadeira! — lamentou Eddie.

— Porque vocês sao uns burros! — censurou Lorne.

Estavam na rua principal da cidade, diante de um saloon. Havia mesas na calçada, e resolveram sentar-se para esperar um pouco mais. Tinham certeza de que elas acabariam passando por ali, mais tarde.

Molly era a mais tímida, estava nervosa, e não queria passar pelo saloon. Mas Linda

exclamou:

— É o que eles querem...! Que nos assustemos! Mas ninguém vai rir de mim!

— Essa gente assusta até o xerife — disse Nancy. — É uma pena que até o governador seja um covarde. Não castigou os patifes que beijaram a sua mulher...

— Comigo a coisa é diferente! — exclamou Linda. — Vamos continuar passeando! Mas primeiro quero trocar de roupas...

— Linda, é perigoso! — avisou Nancy, assustada.

— Claro que é! — riu Linda. — Para eles! Mas você pode ficar em casa, se quiser. Talvez seja melhor mesmo.

— Não é que tenha medo, Linda... — disse Nancy, envergonhada. — É que conheço os covardes dos meus tios, que você chama de primos... São irmãos de minha mãe...

Nancy e Molly tiveram que acompanhar Linda, que ia para casa. Quando chegaram, encontraram Norman, que as procurava. Foi uma grande alegria para Linda, que lhe contou o que havia.

— E entre os meus homens estão os irmãos da tia Annie... — concluiu Linda.

— E você veio preparar-se para enfrentá-los...

— E não é o que devo fazer? Não é o justo, por acaso?

— Não estou discutindo. Estou só perguntando. É uma pena que o seu tio não seja homem de armas...

— O que eles não perdoam é que titio me aceitasse como uma Morgna, e não entendo por quê!

— São invejosos, ruins... e merecem mesmo uma boa lição. Mas, estas roupas... Podem me esperar aqui. Vou ao hospital e volto logo, Tenha calma, Linda, vamos por partes. Primeiro, venceremos nos concursos, e depois poderemos arrastar alguns, que se darão a conhecer a derrota. Andam assegurando que serão os vencedores, em tudo...

— Deixe que seja eu quem os derrote, Norman! Será mais doloroso, sendo eu uma mulher! Vão me insultar, e então encho algumas caras de chumbo! E que o covarde do xerife não se meta!

Norman foi ao hospital, onde vivia. E Linda pediu a Nancy e Molly que ficassem longe dela e de Norman.

— Você está louca! — dizia Nancy. — Assim que eles a vejam armada, dirão que podem tratá-la de outro modo...!

— Pois é justamente o que quero!

— Eles são pistoleiros, Linda! — dizia Molly, aflita.

Linda ria, e Molly acrescentou:

— Além disso ouvi papai comentar que o xerife e os jurados estão de acordo com eles! Serao os vencedores...!

— Você não conhece os vaqueiros! Eles não toleram sujeiras! Vão andando, eu vou esperar Norman!

Mas Nancy e Molly preferiram esperar também. Quando Norman voltou, portando dois Colt, e com um rifle na mão, Linda já estava pronta também. As outras duas os olhavam como se eles fossem seres de outro planeta.

— Vão cometer uma loucura...! — diziam.

Mas Belton chegou, à procura da filha, e soube o que Linda e Norman pretendiam fazer. E disse:

— Calma! Nada de aparecer assim, hoje! Os concorrentes são muitos. Hoje serão as eliminatórias. Amanhã, os exercícios finais! Mas ainda poderão concorrer os que se decidirem no último instante. Portanto, vocês só aparecerão amanhã. Enquanto isso, eu preparo o ambiente para que mão possa haver trapaça!

Eles concordaram, e foram passar o resto

do dia no rancho. E Belton andou pelos saloons, plantando as sementes que dariam o seu fruto em seguida.

Reuniu-se um grande grupo de vaqueiros que exigiam a formação de outro júri, acusando o xerife de favorecer os jogadores de Taylor. A manifestação foi tão grande que até a Guarda Nacional interveio. E os vaqueiros conseguiram o que queriam.

Do novo júri, participavam vaqueiros, rancheiros, um senador, e o chefe da Guarda Nacional. Taylor, no Eden, seu saloon preferido, estava rodeado de amigos que lhe diziam:

— Não se preocupe, nós ganharemos, mesmo assim...! Somos os melhores mesmo! E nós também faremos a nossa campanha... Muitos desistirão de competir conosco!

— Cuidado com as ameaças... — recoendava Taylor. — Este ano há muitos forasteiros...

— Não temos medo de ninguém, e vamos ganhar! E nossa vitória será um aviso para a sua irmã, José...

— A minha irmã se alegrará! As coisas não andam bem entre ela e o seu rico marido... A herdeira ressuscitada leva a quarta parte

da fortuna dos Morgan...

— Chester Morgan tinha que ter dado aquele golpe da impostora muito antes!

— E de que serviria, com os tais sinais que a garota tem?

Taylor não participava da conversa. Não podia deixar de se preocupar com a troca de jurados. Os concorrentes eram muitos e, sem a conivência do júri, não se podia ter terteza de nada.

— É verdade que ganhamos, no ano passado — dizia. — Mas não havia tantos concorrentes, tantos forasteiros...

No rancho, as três moças resolveram voltar à cidade para ir ao teatro, onde se apresentava um grupo de cantores e bailarinos. Linda foi com o traje que estava usando. E, à saída, depararam com três elementos do quarteto que já tinham visto antes, diante do saloon.

— Ei, olhem! — disse Eddie aos amigos. — Aí está a ressuscitada...! Foi criada por pistoleiros e salteadores, e parece que aprendeu de tudo, com eles, porque anda armada...!

— A quem pensa que vai assustar? — indagou Vince, rindo.

— Por que não nos deixam em paz? —

perguntou Linda, risonha.

— Vamos, só queremos um beijinho seu, garota! — disse Jorne. — Porque não há dúvida, você é a garota mais linda de Santa Fé!

— É uma pena que queira se fazer passar por pistoleira...! — disse Vince. — Mas, já que anda armada...

— Vão saindo do nosso caminho, covardes! — cortou Linda. — Não me obriguem a mostrar que sou mesmo uma pistoleira! De qualquer maneira, vocês não chegariam a ver, mesmo...!

Os três riam às gargalhadas. Vince, mais impetuoso, ou mais tolo, exclamou:

— Parece que esta idiota "cuatrera" fala a sério, mesmo. Vamos mostrar a ela que não se brinca com armas!

Os curiosos que iam se agrupando ficaram estarrecidos, olhando os três mortos, e olhando para Linda, ocupada em repor munição com a maior calma. Nancy e Molly tremiam de pavor.

— Vamos embora! — disse Linda.

E as duas a seguiram, sem fazer comentários. Estavam sem foz. Quando o xerife apareceu, as testemunhas disseram a verdade: que os três pistoleiros tinham tentado

sacar primeiro.

Taylor não queria acreditar no que lhe contavam alguns amigos que entravam de olhos arregalados. Um deles disse:

— É natural que não acredite... Eu, que vi tudo, não consigo acreditar...! Aquela garota é um demônio! E seus dedos não tremiam ao repor munição...! Se eu não tivesse visto...

Uma hora depois, não se falava de outra coisa na cidade.

No hospital, os médicos olhavam para Norman com interesse.

— Parece que a garota é pistoleira mesmo — comentou o diretor, Dr. Strang. — Dizem que os três homens tentaram sacar...

— É uma moça que sabe defender-se — disse Norman.

— É, mas, para uma mulher, matar assim...

— E, para um homem, falar assim...! — exclamou Norman. — É covardia, sabe? E os covardes têm de apanhar...!

E Norman deu uma surra no colega, deixando-o caído no chão. Apanhou suas malas e foi embora, para a casa de Linda. Esta recebeu-o de brçaos abertos, dizendo:

— Fez muito bem! Não tem necessidade de trabalhar no meio de invejosos, despeitados! Vamos construir um hospital que terá o seu nome...!

FINAL

— Que patifaria! — dizia Belton, lendo o jornal. — Este sujeito vai se dar mal...! Diz aqui que as autoridades deveriam investigar o passado do "doutor" que apareceu aí com a ressuscitada para meter a mão na fortuna dos Morgan...! Diz que, sendo tão bom cirurgião, não lhe seria difícil "fabricar" os sinais que Linda apresenta como prova da sua identidade...!

— Que loucura! — exclamou Molly. — Assim que Linda leia isso, o jornalista será um homem morto!

Mas Linda e Norman se limitaram a rir, quando o liam.

— O que eles querem é nos atrair, para tomar satisfações... e isso quer dizer que há traição no ar. Haverá homens à nossa espera na redação... Ficaremos em casa, para irritá-los...

Linda concordou. — E ficou em casa. Mas Norman apanhou o jornal e foi visitar o governador, a quem contou como encontrara os documentos de Linda, sem ocultar nada do seu passado.

— E isto é para levar Linda a uma cilada — concluiu, batendo com o indicador no jornal. — E a idéia só pdoe ser do tal Taylor, o jogador... Portanto, vou matá-lo, e a esse jornalista também. Estou avisando porque matarei também o xerife se ele se fizer de bobo depois!

— Eu me encarrego de tomar medidas para punir esses...

— Desculpe, excelência, mas já disse que vou matá-los. Se há algo que odeio neste mundo é a covardia, a traição! E neste caso, ainda por cima, a vítima seria uma mulher...! Linda sente-se feliz, agora, com a sua verdadeira família, e estou pensando em procurar a minha... Meu pai está velho, há muitos anos não sabe de mim... Mas eu sei, pelos jornais, que atualmente é governador do Colorado...

— Pois então, mantenha a calma, em consideração a ele — pediu o governador. — Que a primeira notícia sua não lhe chegue também pelos jornais, falando de uma matan-

ça... ainda que merecida. E agora, vai permitir que eu mesmo telegrafe ao seu pai comunicando que o senhor é meu hóspede e que logo irá...

Norman hesitava, pensando que o governador tinha razão. Mas nenhum dos dois pensou em Linda, que continuava furiosa. Quando Norman chegou, dizendo que iriam almoçar com o governador e sua mulher, no dia seguinte, Linda exclamou:

— Não, muito obrigada! Tenho comida em casa! Se aceitasse esse convite, já não poderia castigar os assassinos que nos esperam na covardia...!

— O governador se encarregará de castigá-los...

— E como provará que nos esperavam? Acha que eles vão confessar...? Não, prefiro acabar com eles, eu mesma!

— Mas, Lidna, eu prometi que você...

— Chega, Norman. Não me obrigue a dizer novamente que não! Deve saber o quanto me custa contrariá-lo...!

Norman ficou calado. E conseguiu levá-la para ver o exercício de lançamento de punhais. Esperava que ela se distraísse, ao menos momentaneamente, e esquecesse seus propósitos.

Mas foi pior. Quando Linda soube que o que ia ganhando era Travis, do grupo de Taylor, avançou decidida para a tribuna e disse aos jurados que ia concorrer.

— Mas, a senhorita...? — indagou um deles.

— Foi o que eu disse, não?

— Bom, está bem... ainda faltam três... será chamada quando chegue a sua vez.

Imediatamente se desataram os comentários de que Linda ia concorrer. E os que tinham ficado na cidade correram para o prado. Ninguém queria perder o espetáculo.

Taylor ria, com os seus homens, quando ela apareceu na arena. Alan Morgan estava lá, assistindo também, acompanhado pelo diretor do Banco, a quem dizia:

— Ela foi criada num ambiente duro... Mas tem um coração de ouro, e só conhece um nome para cada coisa... Coloca a lealdade acima de tudo. Deve estar indignada... Só mesmo Norman pode tê-la segurado até agora...

Guardaram silêncio, porque ela se preparava para a sua exibição. Foi dado o sinal, e todos viram quando lançou os primeiros punhais. E, quando esperavam

que continuasse lançando, viram-na erguer os braços, indicando que já terminara.

A multidão ficou paralisada pelo assombro. Mas num instante desandou a aplaudir freneticamente. Taylor parou de rir.

— É incrível! — murmurou, — Assombrosa...! Se eu não tivesse visto, jamais acreditaria...!

Alan Morgan e o diretor do Banco também aplaudiam como meninos. Um médico do hospital, chamado Stevens, foi felicitá-la, mas em seguida se aproximou de Norman, dizendo:

— Dr. Fargo, hesitei muito antes de vir procurá-lo... mas... não posso mais ficar calado... Temos um doente em estado grave, no quarto vizinho ao do Dr. Strang... Eu estava lá, anteontem à noite, quando vi Taylor entrar, com o jornalista, no quarto de Strang... Estranhei muito aquela visita, e a curiosidade me venceu... Confesso que tratei de ouvir o que diziam...

— Estavam tramando alguma patifaria? — indagou Norman.

— Estavam falando dos homens que esperaram pelo senhor e pela Srta. Morgan, na redação do jornal... e falavam de atirar para matar...

Norman levou o Dr. Stevens à presença do governador.

— Excelência... já sabe o que fizeram aqueles dois loucos?

— Sim, xerife, já sei... e, francamente, não sei de outra coisa tão justa que se tenha feito em todo o Oeste.

— Mataram sete pessoas... e tiraram o Dr. Strany do hospital para enforcá-lo...

— Mais do que justo! E lhe deu um conselho, xerife: não se arrisque a querer castigá-los! Nem fale nisso! Teríamos uma oitava morte...! Eu gostaria de erguer um monumento aos dois!

O xerife saiu dali meio confuso, mas, no fundo, achando que o governador tinha razão. Entre os mortos estavam os irmãos de Annie Morgan e o seu sócio, Taylor.

Naquele mesmo dia Linda disse ao tio que ia a Denver, com Norman, o qual queria rever o pai. E, à noite, Morgan per-

guntava a Annie:

— Já sabe que Linda vai acompanhar Norman a Denver? Norman, a quem todos chamavam de pistoleiro, é o filho dogovernador do Colorado...

— Devo reconhecer que eles são admiráveis — disse Annie. — Tanto a herdeira ressuscitada como o doutor pistoleiro...!

— Ainda bem que sabe admitir os seus erros, Annie!

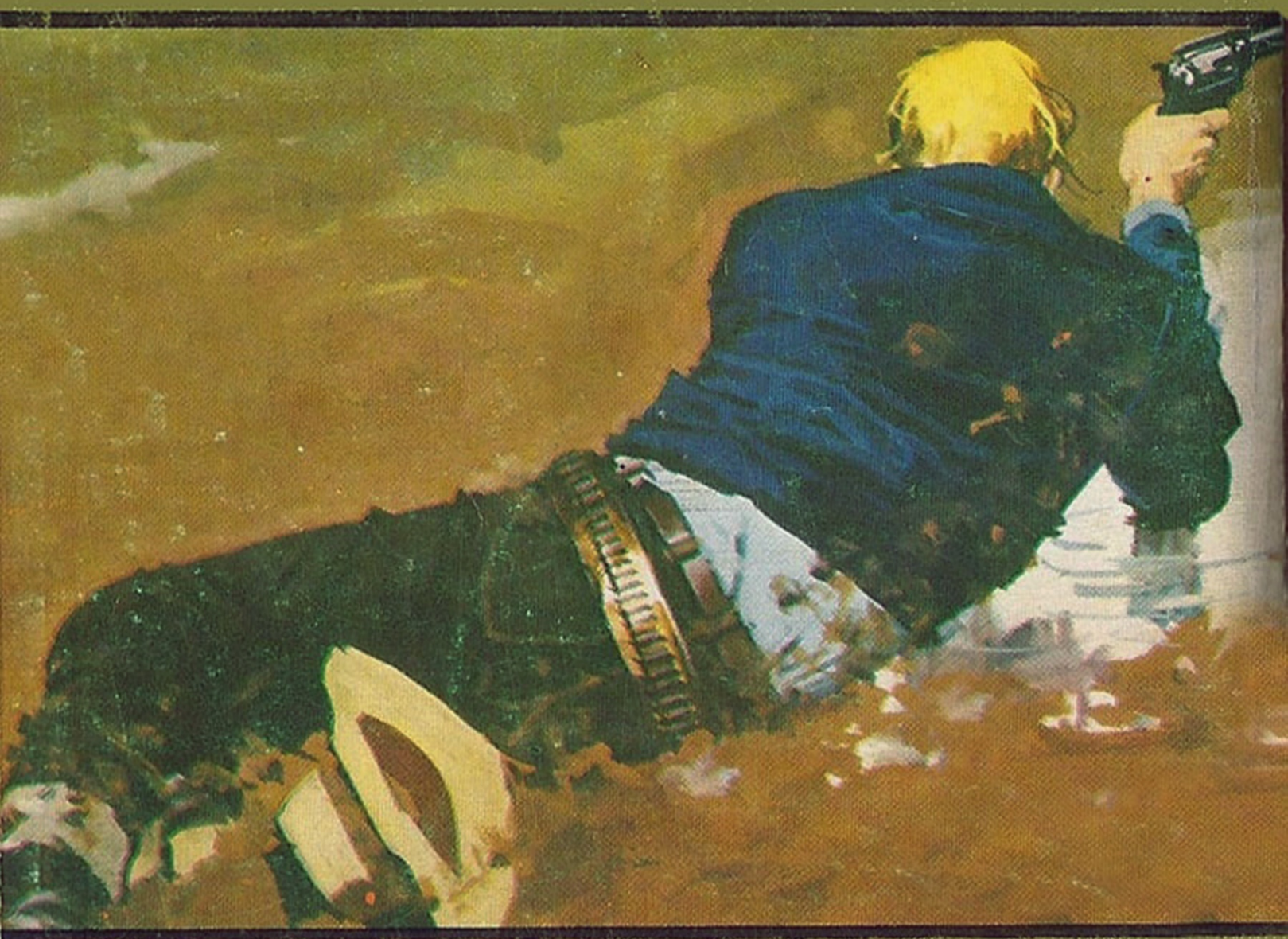
F I M

Ganhe UM BOLSILIVRO GRÁTIS escrevendo para nós, dizendo o que você achou desta história. Teremos imenso prazer em receber qualquer sugestão que nos ajude a melhorar as nossas publicações. Se você tiver dificuldade de encontrar os números desta ou de outras coleções nas bancas, peça pelo Reembolso Postal os BOLSILIVROS. Caixa Postal - 5261 - CEP 13.100 - Campinas - SP

AÇÃO-AVENTURA-EMOÇÃO

TUDO O QUE VOCÊ

GOSTARIA DE VIVER!!



TODA SEMANA TEM

NOVOS TÍTULOS

NOVOS BOLSILIVROS

NAS BANCAS!!

cedibra

Cz$ 95,00